



UFRJ

**“O Guerreiro da Trincheira”: a masculinidade hegemônica em *Tempestades de Aço*
(1920), de Ernst Jünger**

Luis Guilherme Eschenazi Lucena

DRE 114158989

Turno Integral

Rio de Janeiro
Novembro/2019

Luis Guilherme Eschenazi Lucena

**“O Guerreiro da Trincheira”: a masculinidade hegemônica em *Tempestades de Aço*
(1920), de Ernst Jünger**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvia Correia

Rio de Janeiro
Dezembro/2019

Ao meu avô, Salomão Eschenazi, filho de imigrantes turcos da Grande Guerra, com quem aprendi desde cedo a ter amor pelo conhecimento e pelos livros.

AGRADECIMENTOS

A caminhada da graduação muitas vezes se mostra árdua, sendo impossível trilha-la sem qualquer apoio e auxílio. Primeiramente, agradeço aos orixás, aos meus ancestrais e a minha família, de quem sempre obtive bênçãos e caminhos abertos na trajetória. Também agradeço imensamente à minha companheira de longa data, Marcelle, parceira de vida inseparável. Aos amigos do caminho agradeço pelas conversas e risadas imprescindíveis, com especial carinho ao amigo Eduardo Freitas, meu “irmão de outra mãe”, com quem tive a oportunidade de fundar a Revista Outrora em 2017, ao professor e amigo, Murilo Sebe Bon Meihy, parceiro nas boas e nas más, e ao *Babalawo* Alan Ferreira, em quem sempre encontrei palavras de apoio e incentivo. Agradeço em igual intensidade à professora Silvia Correia, com quem tive a oportunidade de obter respostas para perguntas há muito tempo guardadas e que instiga a reflexão em seus orientandos a todo momento e de formas sempre renovadas.

Elégbará réwa, a sé awo
Bará Olóònòn fún àgò

Saudação a Exu

Resumo

LUCENA, Luis Guilherme Eschenazi. “O guerreiro da trincheira”: a masculinidade hegemônica em *Tempestades de Aço* (1920), de Ernst Jünger. Rio de Janeiro, 2019. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

O presente trabalho de conclusão de curso analisa a maneira como a masculinidade é representada na obra *Tempestades de Aço* (1920), de Ernst Jünger, a fim de evidenciar qual era sua concepção de masculinidade e de que formas ela era concebida como uma resposta à realidade alemã dos anos da República de Weimar. Para tal, abordamos a obra em busca de posicionamentos, caracterizações e temáticas associadas à época à masculinidades, dialogando com as categorias teóricas de Cultura de Guerra, Representação e Masculinidade hegemônica. Identificamos Jünger em um entre lugar conceitual gerado pela ausência de uma desmobilização cultural da guerra, onde características românticas da figura do homem se associam à modernidade industrial, gerando uma nova concepção masculina, anos após o lançamento da obra mobilizada pelo Nacional Socialismo.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial. Masculinidade. Ernst Jünger.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – Jünger, compreensões historiográficas e teóricas	5
Uma história cultural (da guerra)	6
<i>A República de Weimar</i>	13
<i>Cultura de Guerra, representação e masculinidade</i>	16
CAPÍTULO II – Contexto Histórico	22
CAPÍTULO III – Violência, masculinidade e o Pós-Guerra	29
Masculinidade em Jünger.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
Fontes	44
Referências bibliográficas	44

INTRODUÇÃO

Produzir historiografia sobre o continente europeu fora dos grandes centros mundo me parece nunca ter sido uma tarefa de leve empenho. As distâncias, diferenças linguísticas e culturais mostram-se entraves constantes às reflexões, exercidas sobretudo a partir de categorias colonizadas de pensamento e apreensão do real. Muitas vezes – e aqui não existe nenhum juízo de valor – os estudos acabam se voltando aos reflexos gerados nas periferias de grandes eventos nas metrópoles do mundo. A produção, a partir desses espaços, sobre temáticas localizadas nos centros pode ser vista por alguns com certo receio, mas me parece cada vez mais necessária.

O presente estudo, no entanto, não se encontra alinhado teoricamente ao pensamento pós-colonial ou decolonial. Nosso problema é a caracterização da masculinidade no relato da experiência de guerra de um escritor alemão com tendências aristocráticas. Entendemos, porém, que a agenda colonial produz a descredibilidade de outras formas de existência e a morte, física e simbólica, dos excluídos. Neste sentido, o olhar “de volta” se encontra imbuído de ironia. Em um mundo cada vez mais integrado e intrincado, as encruzilhadas tornam-se a lei.

Assim, nosso recorte temporal é a Grande Guerra que, pela suas proporções, resultados e efeitos, adquiriu papel central e primordial na história europeia, estando ainda em expansão os estudos historiográficos sobre a temática. Em sua totalidade, reduziu a pó uma série de suposições e paradigmas, unificando a vida em sofrimento. Em sua escala, anunciou a globalização futura, dragando diferentes continentes na resolução de problemas “domésticos” europeus. A Guerra ainda legou ao mundo, como afirma Jay Winter, uma era de ansiedade.

A cosmogonia ioruba, original da Nigéria e trazida de forma forçada ao Brasil no século XIX, nos fornece em seu corpo mitológico uma história em que vejo certa semelhança com o impacto da experiência da Primeira Guerra Mundial. Em um dia, Orunmilá, o oráculo, aquele que sobre tudo sabe, teve um filho chamado Exu Elegbara. Em sua fome insaciável, Elegbara consumiu tudo que via diante de si, animais, frutas, bebidas, garrafas, mesas, *etc.* Tudo que pedia lhe davam, e tudo que lhe davam comia. Ao tentar devorar o próprio pai, despertou a ira de Orunmilá, que passou a caçá-lo. A cada encontro, Exu era cortado por seu pai em duzentos e um pedaços, os Iangui, e a cada encontro, o último pedaço se transformava novamente em Exu, e a caçada prosseguia. Um dia, cansados, resolveram entrar em acordo. Elegbara devolveria tudo que havia consumido, e cada Iangui passaria a trabalhar com

Orunmilá, levando as mensagens entre os orixás e os homens. Em troca, Elegbara seria sempre saudado antes dos demais, sendo o primeiro a comer.

A Primeira Guerra possui, para nós, um pouco de Elegbara em sua essência. Filha do conhecimento, consumiu tudo aquilo que lhe colocavam à frente, homens e materiais. O que engoliu, devolveu, mas não da mesma forma. Alterada, a realidade agora se redesenhava, mas não sem abandonar parte substancial daquilo que lhe havia gerado, estando sempre conectada com seu passado. Aqui, a Guerra é vista como uma encruzilhada, a primeira, de onde surge a contemporaneidade. Abertas as possibilidades, o século XX experimentou transformações de formas nunca antes vistas, carregando sempre a sombra de seus anos iniciais.

Como evento, a Guerra mostrou-se, ou melhor, foi entendida, como um conflito de homens. Isso não significa de forma alguma que as mulheres não fizessem parte do esforço de guerra, fosse nas fábricas, enfermarias ou nos campos de batalha, como a historiografia tem demonstrado de forma subsequente. A guerra era masculina pois seus ideais, performances, motes e representações eram fundamentalmente masculinos.

A centralidade da masculinidade não teve fim com a assinatura do armistício. Reforçada ao máximo entre 1914-1918, sendo as características soldadescas entronizadas na masculinidade hegemônica, o conflito não foi capaz de gerar as células do questionamento de certos padrões de masculinidade e de apreensão da vida após o conflito, pelo contrário, terminou por moldar o que Joanna Bourke chamou de “masculinidade marcial”¹. Entendida como matriz de constituição do mundo, a masculinidade tornou-se ponto central na ausência da desmobilização cultural entre os anos da guerra e após o conflito. Talvez o mais dramático dos casos tenha sido o alemão, estando a masculinidade no coração dos grupos de extrema direita, sobretudo no movimento nacional socialista.

No caso alemão, a permanência cultural da guerra se refletiu em cenários muito diversos, sendo a política apenas um deles. Nas artes, o período viveu uma enxurrada de obras com a temática da guerra, fossem elas pacifistas, como as telas de Otto Dix ou a obra de Erich Maria Remarque, ou componentes daquilo que Norbert Elias chamou de literatura pró-guerra. Com caráter propagandístico, esta literatura tentou reabilitar a experiência da guerra durante os anos de 1920, retratando não o ser humano, mas seu “exemplo oficial”.

¹ Termo mobilizado por Bourke para tratar da ideia de masculinidade mais corrente ao longo do conflito a partir de uma lógica transnacional em BOURKE, Joanna. Gender roles in killing zones In WINTER, Jay. (Org.) *The Cambridge History of the First World War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 154.

Neste trabalho buscamos analisar a mais significativa das obras desta literatura, *Tempestades de Aço*, de Ernst Jünger.

Baseado em seus diários de guerra, a obra foi lançada ainda em 1920. Com caráter memorialístico, foi aclamada como um dos relatos mais significativos da experiência da Primeira Guerra Mundial. Dentro desta, procuramos demonstrar como a masculinidade foi caracterizada, representada e a posição que ela tinha na reflexão de Jünger, mostrando como uma série de ideias, desenvolvidas de forma mais extensa pelo escritor em outras obras ao longo dos anos 1920 e 1930, já estavam presentes desde o começo de sua produção.

Embora o livro tenha recebido uma tradução brasileira em 2013, pela editora Cosac Naify, optou-se neste projeto pela edição inglesa, nomeada *Storm of Steel*, publicada pela Editora Penguin no ano de 2004, tendo por base a edição alemã de 1961. A escolha da tradução se deu não só pelo reconhecimento do trabalho de Michael Hofmann, premiada com o *Oxford-Weidenfeld Translation Prize*, mas também pela maior proximidade linguística entre o alemão e o inglês. A tradução corrente anterior possuía conhecidos erros, o que enfraquecia de forma considerável qualquer abordagem à esta.

O objetivo deste trabalho é demonstrar como a masculinidade é mobilizada e caracterizada por Jünger em sua primeira obra. Para tal, estruturamos nosso argumento da seguinte forma: primeiramente, faremos uma breve recapitulação sobre o desenvolvimento da História Cultural. Igualmente apresentaremos uma curta revisão sobre a historiografia da Primeira Guerra Mundial, entendendo-a em fases e nos localizando em seu desenvolvimento. Também será exposto uma revisão concisa sobre a historiografia do período de Weimar, não muito conhecida no Brasil.

No segundo capítulo, o mais curto, buscamos expor o contexto histórico onde o autor e a obra estão inseridos, em especial sobre o entusiasmo inicial nos primeiros momentos do conflito, seu desenrolar e efeitos sociais e políticos na Alemanha do pós-guerra. Também aqui falaremos um pouco mais sobre o lançamento da obra, edições, tiragens e vendas, de modo que fique claro o impacto editorial que *Tempestades de Aço* obteve já em seus primeiros momentos.

Por último, pretendemos analisar de que forma a violência continuou na sociedade alemã no pós-guerra e como a sociedade e o Estado alemão lidaram com as formas de representação e lembrança da experiência de guerra, conformando aquilo que o historiador George L. Mosse chamou de *Mito da Experiência de Guerra*. Aqui também faremos uma exposição de trechos da obra abordada que explicitam a visão do autor sobre a masculinidade e de que forma ela afetava suas perspectivas para o futuro de seu país. Para Jünger, a

masculinidade seria o ideal para uma reconstrução moral da Alemanha. Uma reconstrução que mobilizava não uma versão romantizada dos atributos do passado, mas uma amálgama entre o romântico e o moderno, onde os indivíduos se submetiam ao coletivo a partir dos princípios da camaradagem surgidos nas trincheiras da guerra. Ao pôr-se no centro da encruzilhada, onde todos os caminhos podem ser trilhados, Jünger vislumbrou a masculinidade como uma saída possível, concebendo o “novo homem” também como uma mescla entre o antigo e o moderno. Ao final de seu caminho, estava a mobilização de suas ideias por um regime ao qual não apoiou de forma direta, mas que também se viu filho da encruzilhada da Grande Guerra.

CAPÍTULO I – Jünger, compreensões historiográficas e teóricas

PARTE I - Historiografia

A obra de Ernst Jünger produzida ao longo dos anos da República de Weimar foi analisada, grosso modo, a partir de duas escolas historiográficas distintas, ainda que de forma alguma contraditórias. Por um lado, suas atividades foram abordadas a partir da história intelectual, tendo como horizonte o eventual surgimento do Nacional Socialismo e seu posicionamento em relação a este. Tais abordagens tenderam a debruçar-se sob a produção do escritor que vislumbrava um mundo para além da democracia liberal, como *Total Mobilmachung* (1929), *Der Arbeiter* (1932), buscando a compreensão da união entre modernidade e reacionarismo no pensamento jüngeriano². Por outro lado, diferentes abordagens privilegiaram o envolvimento de Jünger com a Primeira Guerra Mundial, voltando seu olhar para o tópico das representações em sua obra e sua memória do conflito, privilegiando, sobretudo, seus primeiros escritos, como *In Stahlgewittern* (1920) e *Der Kampf als inneres Erlebnis* (1922), escritos cruciais para a formação daquilo que George L. Mosse chamou de Mito da Experiência de Guerra, e sua reflexão sobre as fotografias de guerra³.

Nesta perspectiva, o presente trabalho alinha-se às abordagens voltadas para a sua produção dos anos imediatos ao fim da Grande Guerra, abordando a questão da representação da masculinidade dentro de sua primeira obra publicada — em que pese nossa vontade de manter certa proximidade das análises a partir da história intelectual. Nosso objetivo é abordar como determinadas características eram atribuídas à masculinidade marcial⁴ no pensamento Jüngeriano desde sua primeira obra publicada, coincidentemente também seu trabalho de maior circulação. Acreditamos que a disposição destas características na obra *In Stahlgewittern* (*Tempestades de Aço*), portanto a ênfase em uma visão performática da masculinidade funcionaria como uma espécie de resposta à realidade alemã do imediato pós-

² Sobre este ponto ver HUYSSSEN, Andreas. Fortifying the Heart – Totally Ernst Jünger’s Armored Texts. *New German Critique*, n. 59, p.2-23, 1993. HERF, Jeffrey. *Reactionary modernism: Technology, culture, and politics in Weimar and the Third Reich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. e COELHO, Victor de O.P., Ernst Jünger e o demônio da técnica: modernidade e reacionarismo. *Topoi* v.18, n.35, p.246-273, 2017.

³ Ver WOODS, Roger. Ernst Jünger, the New Nationalists and the Memory of the First World War. In LEYDECKER, Karl. *German Novelists of the Weimar Republic: Intersections of Literature and Politics*. Rochester. Camden House, 2006. e HÜPPAUF, Bernd. Experiences of Modern Warfare and the Crisis of Representation. *New German Critique*, n. 59, p.41-76, 1993.

⁴ Termo mobilizado por Bourke para tratar da ideia de masculinidade mais corrente ao longo do conflito a partir de uma lógica transnacional.

guerra, marcada por turbulências econômicas, sociais e políticas, às quais Jünger não se furtou em tomar parte.

Uma história cultural (da guerra)

A partir destas colocações, entendemos que esta pesquisa encontra-se, em um âmbito mais geral, no campo denominado História Cultural, tanto pelo objeto de nossa pesquisa – a questão de gênero –, quanto em nossas reflexões teóricas, como no caso das representações. De forma geral, o movimento foi marcado pelo declínio de um intenso debate sobre o papel da sociologia dentro da História, ao passo que se tornaram muito mais presentes os diálogos com a Antropologia e com a Linguística. Esta última teve efeitos teóricos mais severos que apenas novas formas de análise dos objetos, mas também foi empregada em uma autoanálise do campo historiográfico. Alterou-se de forma completa o entendimento do termo cultura, caminhando do sentido artístico à noção de cultura como um conjunto de significações e símbolos que se enunciam e estruturam a sociedade.

O ressurgimento da História Cultural tem seu início nos anos 1960. A crise mundial, vivida sobretudo a partir de 1968, anunciava que revisões brutais deveriam ocorrer nos mais diversos campos. A certeza do progresso esvaía-se, assim como os grandes paradigmas explicativos, como o marxismo e o estruturalismo, que, juntos, haviam dominado por algum tempo o cenário da História e das Ciências Sociais. A terceira fase dos *Annales*, surgida no contexto, foi marcada pela ampla diversidade temática, de objetos e dimensão de estudos. Para François Dosse, um dos maiores críticos da nova geração, com o movimento em direção à experimentação, a totalidade, antiga pretensão do movimento, teria se fragmentado em uma “miríade de objetos singulares a serem especificados e construídos”⁵. Ao esmigalharem o conhecimento historiográfico, a *Nouvelle Histoire*, segundo Dosse, teria rompido as ligações com os *Annales* anteriores.

Como ressalta Burke, a historiografia francesa relutou ao uso do termo “cultura”, utilizando termos mais brandos como “mentalidades” e “imaginário social”,⁶ ainda que Barros defenda a História das Mentalidades como um campo historiográfico, e não uma corrente. Não seriam, portanto, na visão de Barros, os domínios privilegiados pelos historiadores da mentalidade, como Philippé Aries e Michel Vovelle, que definiram o campo,

⁵ DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História*. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

⁶ BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p.11

mas sim a dimensão da vida social para qual seus olhares se dirigem, como os modos de sentir, o universo mental, *etc*⁷.

A História das Mentalidades passou por severas críticas, inclusive de seus componentes, como François Furet e Robert Darnton. Em suas reflexões, tais pensadores explicitavam a falta de foco que a amplitude do tema das mentalidades possuía, criando uma quase infinita gama de possibilidades metodológicas, não fornecendo nenhuma adição real de capacidade explanatória e levando a uma quase interminável busca por objetos de pesquisa.⁸ Em resumo, o conceito de mentalidades coletivas, levado ao extremo, perderia a noção de lugar social dos seus agentes e suas respectivas formas de ver o mundo.

As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por uma expansão do interesse na cultura por diversas áreas. Foi neste momento em que a História Cultural tomou sua forma mais eclética, sendo “rebatizada” como Nova História Cultural. Uma das características distintivas do novo modelo foi sua maior preocupação com a teoria, sendo profundamente influenciada pela noção cultural de Clifford Geertz e também pelas reflexões de nomes como Michel Foucault, Norbert Elias, Mikhail Bakhtin e Pierre Bourdieu.

Historiadores como Roger Chartier, Lynn Hunt e Jacques Revel propunham um abandono da acepção costumaz de cultura, que além de dizer respeito apenas a construções intelectuais e artísticas, levaria a supor que o “ ‘cultural’ só é investido num campo particular de práticas ou de produções”⁹. A Nova História Cultural privilegiou a noção geertziana de cultura, mobilizada pelo próprio Chartier:

O conceito de cultura ao qual adiro [...] denota um padrão transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida¹⁰

Entretanto, a noção cultural de Geertz não passaria incólume. É justamente Chartier que sinaliza os problemas em tratar a organização das concepções simbólicas em um sistema. Para ele, esta noção parte de um princípio de coerência e interdependência entre as diferentes formas, que “em contrapartida supõe a existência de um universo simbólico unificado e compartilhado”¹¹. Para Hunt, Chartier insiste que os historiadores da cultura não poderiam substituir uma teoria reducionista da cultura como um reflexo da realidade social por uma

⁷ *Op. Cit.*, BARROS, p.335.

⁸ FURET, François. Beyond the Annales. *Journal of Modern History*, v.55, n. 3 (set. 1983). p. 405.

⁹ CHARTIER, Roger *A História Cultural: entre práticas e representações*. Algés: Difel, 1998. p. 66

¹⁰ GEERTZ, Clifford. *Apud* CHARTIER, Roger. *Ibid.* p. 67

¹¹ CHARTIER, Roger. Text, Symbols, and Frenchness. *The Journal of Modern History*. v.57 n.4 (Dez. 1985) p. 690

suposição igualmente reducionista de que formas simbólicas de ação expressam um significado central e coerente¹².

Uma tendência que se mostrou central à Nova História Cultural foi o tratamento da língua como uma metáfora. Como Prost, antecessor de Chartier nos estudos das representações¹³, ressaltou nos anos 1990, o historiador que pretendesse reestabelecer as representações constitutivas de um grupo social deveria ter sua atenção centrada nas formas simbólicas do grupo, “nos seus discursos como produções simbólicas”¹⁴. Para Prost, o estudo das representações deveria focalizar não no conteúdo dos discursos, mas nos caminhos semânticos e termos utilizados pelos agentes para dizê-lo. Em sua visão, “as maneiras de falar não são inocentes, e a língua que se fala estrutura as representações do grupo a que se pertence ao mesmo tempo que, por um processo circular, dele resulta”¹⁵. Ou seja, um interesse maior não no conteúdo do que dizem, mas nos termos que utilizam para dizer. Neste sentido, a história cultural tem como foco as “estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade”¹⁶.

O papel central de Prost no debate acerca da História Cultural e das representações ainda nos anos 1970 pode ser considerado um demonstrativo de como a historiografia da Primeira Guerra Mundial acompanhou com determinado protagonismo as alterações do debate historiográfico ao longo do século XX. Como defendem Jay Winter, Antoine Prost¹⁷ e Sílvia Correia¹⁸, ela pode ser dividida em três partes — ainda que em estudos mais recentes Winter argumente a existência de uma nova fase¹⁹. O trabalho que pretendemos exercer localiza-se, nesta divisão, próximo aos estudos da terceira geração, suscetíveis aos efeitos da História Cultural nos anos 1970 e 1980, em que pese algumas continuidades entre as diferentes fases desta historiografia.

¹² HUNT, Lynn. Introduction: History, Culture, and Text. In HUNT, Lynn (Org.) *The New Cultural History*. Los Angeles: University of California Press, 1989. p. 13-14.

¹³ Em 1977, Prost teve sua tese *Les Anciens Combattants et la société française 1914-1939*, publicada em três volumes. Neste trabalho, buscou analisar, dentre outras coisas, os discursos dos ex-combatentes.

¹⁴ PROST, Antoine. Social e Cultural indissociavelmente (in) RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (Org) *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 123-137. p.129

¹⁵ *Ibid.*, p. 130.

¹⁶ CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. *Estudos Avançados*, v.5, n.11 (1991) p. 184.

¹⁷ WINTER, Jay. e PROST, Antoine. *The Great War in History: Debates and Controversies, 1914 to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

¹⁸ CORREIA, Sílvia. Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial: entre história transnacional e política nacional. *Topoi (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 650-673, Dec. 2014.

¹⁹ WINTER, Jay. Historiography 1918-today, in DANIEL, Ute. *et al. 1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War*. Berlin: Frei Universität, 2014.

A primeira configuração historiográfica do conflito é contemporânea ao próprio, tendo como seus autores políticos, funcionários públicos, ex-soldados e acadêmicos, sobretudo aqueles com experiências prévias com o conflito, produzindo uma história “vista de cima”. Estes trabalhos possuíam como protagonista o Estado em seu papel de administrador do conflito, seja no front interno quanto externo. Um dos temas centrais desta geração era a busca pelas origens do conflito, possuindo um caráter muito técnico, o que findou em atrapalhar sua circulação e significância à época²⁰.

A segunda geração, produzindo entre os anos 1950 e 1960, teve forte influência da História Social, embora não tenha abandonado a História Política, como fica claro com diversos estudos diplomáticos. Surgem os estudos sobre estruturas e movimentos sociais, sendo os anos 60 marcados pelo surgimento dos combatentes nas narrativas, impulsionados por uma certa nostalgia do mundo que fora varrido pelo conflito. Os estudos desta geração também foram impulsionados pelos arquivos abertos durante o período, liberados passados cinquenta anos da conflagração, tendo a televisão como novo veículo de difusão dos filmes de época e das evidências visuais²¹.

A terceira configuração da historiografia do conflito foi marcada pela continuidade de vários historiadores, não possuindo então uma mudança geracional, mas sim uma alteração de ênfase nos objetos. Chamada por Winter de “geração Vietnã”, teve sua produção se iniciado nos anos 1970 e 1980. A noção da “guerra justa” existente durante a Segunda Guerra Mundial havia se esvaído, abrindo brechas para que fortes movimentos contrários às aventuras militares e à política de dissuasão nuclear surgissem. Manifestava-se então uma geração mais receptiva à visão da guerra como catástrofe para todos os envolvidos²².

Com a alteração de paradigmas, chegava ao fim as tentativas de explicar sociedades inteiras, surgindo então os estudos sobre as subjetividades. Temas como memória e identidade foram lançados ao centro do palco, mobilizados a partir de novas fontes como cartões postais, noticiários de época, fotografias, monumentos, brinquedos, jogos e objetos domésticos. Junto com novas fontes, surgiram também os novos objetos de pesquisa, como as representações, sentimentos, emoções, as artes, a medicina, a literatura, buscando compreender de que forma elas foram afetadas pelo conflito. Como argumenta Winter, a História Cultural seria uma história do íntimo, uma história das mais comoventes

²⁰ *Ibid.*, WINTER, Jay. 2014. p. 4.

²¹ WINTER, Jay e PROST, Antoine. *The Great War in History: Debates and Controversies, 1914 to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 20.

²² *Ibid.*,CORREIA, Sílvia. p 654.

experiências dentro de uma comunidade: “É uma história das práticas significantes; ela estuda como homens e mulheres atribuem sentido ao mundo em que vivem”,²³ daí a importância de temáticas como o luto, a violência e a brutalização.

A quarta e última geração nomeada por Winter tem como característica a transnacionalidade, possuindo, portanto, uma visão mais global sobre os temas. A história transnacional busca experiências nos mais diversos níveis, das camadas trabalhadoras até questões internacionais, como por exemplo os fluxos migratórios causados pelo conflito. Esta geração reflete-se em uma instituição específica, comprometida por essência a romper com barreiras nacionais, o museu *Historial de la Grande Guerre*, em Péronne, na França. O museu possui o objetivo de mostrar a catástrofe internacional do conflito, tendo seu conteúdo produzido e apresentado nas línguas dos principais países beligerantes, sendo sua localização situada em um dos quartéis gerais da Batalha do Somme²⁴.

Ainda que os mais de cem anos da historiografia da Primeira Guerra Mundial tenham sido testemunha de uma quantidade substancial de trabalhos, dos mais diversos níveis e gostos, mobilizando as fontes mais inusitadas e criativas, impressiona sua não fragmentação. Como dito anteriormente, esta historiografia é mais marcada pelas continuidades do que pela ruptura. Em relação aos estudos da terceira geração, voltadas à abordagem cultural, Correia ressalta que a diversidade de interpretações não alimentou, em um primeiro momento, uma incompatibilização dos resultados. Segundo ela, “a sobreposição das perspectivas aceita uma continuidade aparentemente lógica na abertura dos temas”, como uma espécie de *puzzle* cultural²⁵.

Este trabalho alinha-se aos entendimentos da terceira geração. Interessando-nos nesta linha, afunilar esta rápida revisão, no sentido dos autores que se dedicaram ao estudo dos testemunhos individuais e de que formas as experiências de guerra foram compreendidas pelos mais variados agentes

Um dos mais influentes estudos desta fase é a obra *The Great War and Modern Memory*, de Paul Fussell, lançada em 1975 e sem tradução no Brasil. Fussell, analisou, a partir da literatura produzida pelos combatentes, de que forma a linguagem enquadrou a memória, mais especificamente as memórias de guerra, buscando mostrar os recursos e lentes usados pelos soldados envolvidos no conflito para abordar sua experiência. Na incapacidade

²³ WINTER, Jay. e PROST, Antoine. *The Great War in History: Debates and Controversies, 1914 to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 29 “It is a history of signifying practices; it studies how men and women make sense of the world in which they live.” (Tradução do autor)

²⁴ *Op. Cit.*, WINTER, Jay, 2014, p. 11

²⁵ *Op. Cit.*, CORREIA, Sílvia. p. 657.

do enquadramento, Fussell identificou a mobilização da ironia como importante recurso para se burlar o entrave representativo gerado pela insuficiência da linguagem pré-guerra em acomodar a experiência das trincheiras²⁶. A ironia, por exemplo, permitia aos homens abordar o contraste entre as expectativas dos soldados e a realidade à qual eram submetidos. O trabalho de Fussell foi um dos primeiros passos na tentativa de entender o universo mental dos combatentes, rompendo, ainda que não sozinho, as barreiras entre a história cultural da guerra e os escritos mais autobiográficos produzidos pelo conflito.

Na mesma linha, os anos de 1990 foram marcados por trabalhos como os de Samuel Haynes e George L. Mosse. Em *The Soldier's Tale: Bearing Witness to Modern War*, Haynes buscou explorar de que forma as narrativas dos soldados – não apenas da Grande Guerra – criaram determinados “mitos” sobre o conflito, adentrando no mundo das representações. Haynes não entendia o “mito” como uma ficção ou fabricação, mas sim como narrativas simplificadas, que surgiam a partir da guerra, pela mão dos soldados, para dar sentido àquilo que havia sido vivido²⁷.

Já o trabalho de Mosse²⁸, tentou revelar a forma como os homens confrontaram a guerra moderna e as consequências políticas deste enfrentamento. Tendo a Primeira Guerra Mundial e seus efeitos como recorte por excelência em sua obra *Fallen Soldiers: reshaping the memory of the World Wars*, Mosse defendeu a ideia de que a realidade bélica teria sido transformada em algo conhecido como o “Mito da Experiência de Guerra”. O Mito comportaria uma visão do conflito como uma experiência sagrada e significativa, sendo criado para mascarar a guerra e legitimar sua experiência²⁹.

Mosse foi criticado de forma eficaz por Antoine Prost³⁰ e Jay Winter³¹. Segundo os historiadores, as fontes de Mosse mostraram-se fracas em determinados momentos, tendo como princípio a realidade social alemã e generalizando a experiência, não sendo condizente com as diversas realidades europeias. Também o trabalho de Mosse teria se baseado em escritos oriundos dos soldados das classes médias e altas, havendo, portanto, uma

²⁶ *Op. Cit.* WINTER, Jay. e PROST, Antoine, p. 181.

²⁷ HAYNES, Samuel. *The Soldier's Tale: Bearing Witness to Modern War*. Nova York: Viking Publishing Group, 2003. p. xviii.

²⁸ Mosse mobilizou um grande número de fontes em *Fallen Soldiers*, tais quais a literatura, cartões postais, pôsteres de propaganda governamentais, memoriais e cemitérios de guerra, charges de comédia, jogos infantis. Ver em especial o capítulo sete, “*The Process of Trivialization*”.

²⁹ MOSSE, George L. *Fallen Soldiers: reshaping the memory of the World Wars*. Oxford: University Press, 1990. p.7

³⁰ PROST, Antoine. The impact of war on French and German political cultures. *The Historical Journal*. v.37 n.01, p. 209-217.

³¹ WINTER, Jay. Foreword in ULRICH, Bernd. e ZIEMANN, Benjamin. *German Soldiers in the Great War: Letters and Eyewitness Accounts*. Barnsley: Pen & Sword Military, 2010.

generalização da experiência de classe. Esta crítica nos parece pertinente e plenamente esperada, visto que Prost e Winter defendem que os estudos acerca da Primeira Guerra precisam ter um caráter transeuropeu³².

Ainda nos anos 1990 a historiografia vislumbrou um avanço nos estudos sobre a questão da masculinidade durante o conflito. Em 1996, Mosse publicou sua obra *The Image of Man*. Nela, o historiador forneceu um caminho interpretativo sobre a relação construída socialmente entre os estereótipos masculinos e a moralidade dos indivíduos³³, concebidos e baseados a partir de corpos masculinos³⁴. Mosse identificou na Primeira Guerra Mundial o ápice de uma concepção de masculinidade construída ao longo do século XIX, cujas referências estéticas remontavam à Antiguidade³⁵.

Enquanto Mosse procurou demonstrar a construção da masculinidade moderna, em obra lançada no mesmo ano, Joanna Bourke buscou, a partir da “desvirilização”³⁶ dos soldados, analisar a relação entre os corpos masculinos e a cultura popular durante a Grande Guerra, tendo como fontes diários e cartas produzidos por camadas mais populares da sociedade britânica. A influência destes estudos pode ser percebida em diversas obras. Um exemplo é a obra de Anna Carden-Coyne, *Reconstructing the Body* (2009). Nela, a historiadora buscou, dentro da experiência anglófona, demonstrar como o imaginário clássico havia sido reabilitado e funcionou como referencial cultural e estético, tanto para artistas quanto para instituições voltadas à reconstrução dos corpos.

Outras abordagens sobre a questão masculina, como os trabalhos de Jéssica Meyer³⁷ e Suzan Grayzel³⁸, buscaram demonstrar como as práticas da guerra total desordenavam as premissas de gênero, e também como a experiência bélica foi mobilizada por ex-combatentes a partir de questões identitárias no caso inglês. Nos estudos voltados à experiência germânica,

³² *Op. Cit.* WINTER, Jay. e PROST, Antoine, p. 203 - 205.

³³ “masculinity was in fact dependet upon a certain moral imperative, upon certain normative standarts of appearance, behavior, and comportment” MOSSE, George L. *The image of man: the creation of modern masculinity*. Nova Iorque: Oxford University, 1996.p. 8

³⁴ *Ibid.*, p. 5

³⁵ *Ibid.*, p. 115.

³⁶ Expressão usada por AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. em A Grande Guerra e a história da virilidade. In CORBIN, Alain (Org.) *História da Virilidade: 2. O triunfo da virilidade*. Petrópolis: Vozes, 2013.p. 507

³⁷ MEYER, Jessica. *Men of War: Masculinity and the First World War in Britain*. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2009. e *An Equal Burden: The Men of the Royal Army Medical Corps in the First World War*. Oxford: Oxford University Press, 2019 e *An Equal Burden: The Men of the Royal Army Medical Corps in the First World War*, de 2019.

³⁸ GRAYZEL, Susan R. e PROCTOR, Tammy M. (Org.) *Gender and the Great War*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

tanto Paul Lerner³⁹ quanto Crouthamel⁴⁰ voltaram-se às questões de gênero, sexualidade e trauma durante o conflito, ressaltando as categorias de gênero mobilizadas pelo campo psiquiátrico alemão, sobretudo nos diagnósticos. Seus estudos posteriores também abordaram a vivência de masculinidades classificadas à época como “degeneradas”, como, por exemplo, a judaica e homossexual⁴¹.

A República de Weimar

Entendemos que o presente trabalho possui uma questão em relação à sua temporalidade, estando inserido em contextos distintos, mas que se conectam e se interpelam a todo momento. Neste sentido, acreditamos que algumas considerações sobre a historiografia da República de Weimar também parecem pertinentes. Poucos períodos da história alemã possuem tanta dificuldade de interpretação e avaliação, assim como um número elevado de pesquisas. Grosso modo, três tendências podem ser bem definidas: as que buscam analisar os primeiros anos do regime; as que se voltam ao período intermediário dos quatorze anos de Weimar; e as que buscam avaliar os anos finais da República.

O surgimento da historiografia do período possui algumas peculiaridades em relação a outros recortes temáticos e temporais da história alemã. Segundo Erbehard Kolb, ainda que seu desenvolvimento possa ser considerado relativamente tardio – apenas após 1945 –, as condições que encontrou foram estranhamente favoráveis, tendo como fonte uma vasta gama de fontes⁴². Até 1933, o período republicano não era tema da história acadêmica. Muitos historiadores engajaram-se nas questões políticas do período, mas apenas como intelectuais em debates públicos, como no caso de Friedrich Meinecke. Neste sentido, um dos maiores

Psychiatry and casualties of war in Germany, 1914-1918. Journal of Contemporary History, London, v.35, n. 1, p.13-28. Jan., 2000. E *Hysterical Men: War, Psychiatry, and the Politics of Trauma in Germany, 1890-1930*. Ithaca: Cornell University Press, 2003.

e *Hysterical Men: War, Psychiatry, and the Politics of Trauma in Germany*, de 2003.

⁴⁰ Male sexuality and psychological trauma: soldiers and sexual disorder in World War I and Weimar Germany. *Journal of the History of Sexuality*, Austin, v.17, n.1, p.60-84. Jan., 2008.

⁴¹ CROUTHAMEL, Jason. *An Intimate History of the Front: Masculinity, Sexuality, and German Soldiers in the First World War*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014 e Cross-dressing for the fatherland: sexual humour, masculinity and German soldiers in the First World War. *First World War Studies*. v.2, n. 2, 2011.p. 195-215 e BAADER, Benjamin M., GILLERMAN, Sharon e LERNER, Paul (Org.) *Jewish Masculinities: German Jews, Gender and History*. Bloomington: Indiana University Press, 2012.

⁴² KOLB, Eberhard. *The Weimar Republic*. New York: Routledge, 2005. p. 140

problemas destes historiadores em sua ação política foi não dedicarem-se à contestação do *Dolchstoßlegende*⁴³, ainda que já existisse à época vasto material disponível para tal⁴⁴.

Após a ascensão do regime nazista, o debate acadêmico sobre o período de Weimar estava fora de questão. A versão oficial do período pelo regime caracterizava-o como um período de lutas, humilhação nacional e degeneração. Coube, então, aos historiadores alemães no exílio investigações mais profundas sobre a República, ainda que ausentes de um caráter historiográfico, assemelhando-se mais a uma busca pelas raízes intelectuais do movimento fascista. O estudo de Arthur Rosenberg, neste sentido, mostrou-se um importante avanço nos estudos do período, sendo um dos primeiros a investigar os fatos da formação do período⁴⁵.

Os primeiros anos após a queda do Nacional Socialismo não foram tão distintos dos anteriores, surgindo agora um grande número de biografias de figuras políticas dos anos Weimar⁴⁶. Ficava evidente à época a importância das produções do exterior, visto que nenhum trabalho de grande relevância acadêmica, tenha surgido dos historiadores que permaneceram na Alemanha no período, segundo Kolb⁴⁷. Os únicos trabalhos desta natureza não surgiram na historiografia, mas de nomes ligados à institucionalidade de Weimar, como o advogado e político Ferdinand Friedensburg⁴⁸ e o político Ludwig Preller⁴⁹.

A partir dos anos 1950, Weimar tornou-se ponto central na historiografia alemã, sendo este movimento favorecido pelo aparecimento de fontes importantes, anteriormente acreditadas destruídas nos anos finais da Segunda Guerra Mundial. O Surgimento do novo regime democrático na Alemanha Ocidental também favorecia o movimento, incentivando os acadêmicos a debruçarem-se sobre a primeira experiência republicana e democrática no

⁴³ Conjunto de teorias conspiracionistas buscavam explicar a derrota alemã na Grande Guerra, estando enraizadas em uma série de estereótipos e fazendo uso de determinadas disposições psicológicas do período. Para mais informações ver BARTH, Boris: Stab-in-the-back Myth, in: *1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War*, ed. by Ute Daniel, Peter Gatrell, Oliver Janz, Heather Jones, Jennifer Keene, Alan Kramer, and Bill Nasson, issued by Freie Universität Berlin, Agosto de 2014 e BARTH, Boris: *Dolchstoßlegenden und politische Desintegration. Das Trauma der deutschen Niederlage im Ersten Weltkrieg 1914-1933*, Düsseldorf: Droste, 2003.

⁴⁴ FAULENBACH, Bernd. *Ideologie des deutschen Weges: Die Deutsche Geschichte in der Historiographie zwischen Kaiserreich und Nationalsozialismus*. München: C.H. Beck, 1980. p. 248. *Apud* KOLB, Eberhard. *The Weimar Republic*. New York: Routledge, 2005.

⁴⁵ ROSENBERG, A., *A History of the German Republic*. London: Methuen & Co., 1936.

⁴⁶ Por exemplo NOSKE, Gustav., *Erlebtes aus Aufstieg und Niedergang einer Demokratie* (Offenbach: Bollwerk, 1947). e CURTIUS, Julius., *Sechs Jahre Minister der Deutschen Republik*. Heidelberg: Winter, 1948).

⁴⁷ *Op. Cit.* KOLB, Eberhard. 2005. p. 141

⁴⁸ FRIEDENSBURG, Ferdinand. *Die Weimarer Republik*. West Berlin: Norddt, 1946.

⁴⁹ PRELLER, Ludwig., *Sozialpolitik in der Weimarer Republik*. Stuttgart: Franz Mittelbach, 1949.

país. No lado oriental, os anos também foram marcados pelo envio da URSS à República Democrática Alemã da maior parte dos documentos recolhidos durante a captura de Berlim.

Munidos agora de extensos arquivos, os pesquisadores concentraram seus estudos sobre os anos finais da República de Weimar, buscando entender as causas e condições que possibilitaram a chegada do nazismo ao poder. Para tal, analisaram, sobretudo, desenvolvimentos e decisões ligadas aos anos após a Crise de 1929. Neste ponto, o estudo de Karl Dietrich Bracher foi crucial, ao analisar as deficiências estruturais da República, procurando traçar, a partir de 1930, as fases de “dissolução” do regime e as responsabilidades de certos grupos e indivíduos no processo⁵⁰. Como Kolb ressalta, o estudo de Bracher opunha-se de forma vigorosa à queda da República como um evento imprevisível. Para ele, a tomada de poder do Nazismo foi o último passo em um desenvolvimento ligado diretamente à grupos de poder e tendências favorecidas por eventos internos e externos⁵¹.

Já nos anos 1960 e início dos anos 1970, os estudos sobre Weimar deslocaram-se para os anos iniciais da República, seguindo os questionamentos de sua queda. Este deslocamento justificava-se pela necessidade de entender como se originaram os defeitos estruturais fundacionais que fragilizaram a experiência democrática do período. Com este movimento, parte substancial dos estudos voltaram-se ao período revolucionário de 1918-1919, ainda preso na dicotomia entre a análise marxista de Rosenberg e a visão conservadora dos anos 1950 sobre questão, muito influenciada pela lógica da Guerra Fria que envolvia o país⁵².

Os anos 1970 e 1980 foram marcados pelo deslocamento dos estudos para o período intermediário de Weimar, anteriormente visto como “desinteressante”. Neste momento, os estudos voltaram-se majoritariamente às relações internacionais desenhadas pelos governos da República, bem como as relações políticas estabelecidas no parlamento. Porém a maior atenção foi dada ao desenvolvimento econômico do país, sobretudo a partir do debate sobre as condições econômicas do país previamente aos eventos de 1929, a transformação da República em um Estado de Bem-Estar social, a questão inflacionária e os efeitos nos salários dos trabalhadores⁵³.

⁵⁰ BRACHER, Karl Dietrich, *Die Auflösung der Weimarer Republik. Eine Studie zum Problem des Machtverfalls in der Demokratie* Dusseldorf: Ring, 1955.

⁵¹ *Op. Cit.* KOLB, Eberhard. 2005. p. 142. A obra de Bracher, ainda que bem recebida, recebeu alguns críticas, sobretudo por seu caráter estruturalista, método ainda não difundido na historiografia alemã, e pela forma como abordava algumas questões.

⁵² Sobre a visão conservadora, ver os estudos de Erdman nos anos 1950.

⁵³ Para mais ver FELDMAN, Gerald D. *The Great Disorder: Politics, Economics, and Society in the German Inflation, 1914-1924*. Nova Iorque: *Oxford University Press*, 1997. e STEINISCH, Irmgard., *Arbeitszeitverkürzung und sozialer Wandel. Der Kampf um die Achtstundenschicht in der deutschen und amerikanischen Eisen- und Stahlindustrie 1880-1929* Berlin: De Gruyter, 1986.

Ainda nos anos 1970, o surgimento dos estudos culturais marcou a historiografia sobre Weimar, iniciando um movimento de continuidade, tendo como interesse não somente a arte produzida em Weimar, como também a questão da cultura de massas e a cultura política alemãs do período. Uma das obras mais importantes do período foi o livro de Peter Gay, nomeado *A Cultura de Weimar*⁵⁴, onde o autor enfatiza Weimar como um ambiente de criatividade extrema, ressaltando como o período não deveria ser visto apenas como uma tragédia, mas também como uma era de esperança.

Esta análise mostra-se de grande influência ainda em obras mais recentes, como o longo trabalho de Eric Weitz, *Weimar Germany: promise and tragedy*⁵⁵. Nela, Weitz analisa a produção cultural do país em suas diversas esferas, bem como a relação dos gêneros e corpos, as ansiedades sociais e a cultura política. Seguindo parcialmente na mesma esteira de Gay também encontra-se o trabalho de Anton Kaes, *Shell Shock Cinema: Weimar Culture and the Wounds of War*⁵⁶. Nela o autor mobiliza algumas obras da escola expressionista do cinema alemão do período de Weimar para argumentar como a fase republicana não pode ser visto apenas pela perspectiva do surgimento do nazismo, mas também como um período carregado de traumas e latências da guerra.

PARTE II - Cultura de guerra, representação, masculinidade

Buscando compreender de que forma a masculinidade foi representada na obra *Tempestades de Aço*, de Ernst Jünger, associamo-nos primeiramente aos estudos da Cultura de Guerra. Influenciados pelo trabalho de George L. Mosse, Stéphane Audoin-Rouzeau e Annete Becker definiram o termo como “o campo de todas as representações da guerra forjadas pelos contemporâneos”⁵⁷. Ou seja “um conjunto de práticas, de representações, de atitudes, de criações dos anos 1914-1918, e também dos anos seguintes.”⁵⁸ Indo mais além, ambos autores chegaram a definir o termo como um corpo de representações da Grande Guerra que se encontravam cristalizadas em um sistema que forneceu ao conflito seu significado profundo, de forma inseparável do ódio pelo seu inimigo⁵⁹.

⁵⁴ GAY, Peter. *A Cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

⁵⁵ WEITZ, Eric D. *Weimar Germany: promise and tragedy*. Nova Jersey: Princeton University Press, 2013.

⁵⁶ KAES, Anton. *Shell Shock Cinema: Weimar Culture and the Wounds of War*. Princeton: Princeton University Press, 2009

⁵⁷ AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. e BECKER, Anette. Violência e consentimento: a « Cultura de Guerra» do primeiro conflito mundial (in) RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (Org) *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 238.

⁵⁸ *Apud.* op. Cit. CORREIA, p. 654

⁵⁹ *Apud.* WINTER, Jay. e PROST, Antoine. p. 105.

A cultura de guerra tem uma forte relação com o fenômeno da mundialização e totalização⁶⁰ durante o conflito, sendo ela a ligação entre os homens fardados nas frentes de batalha e a população civil a qual tentavam defender. Isto porque os soldados viam-se mais próximos das preocupações da vida civil do que dos problemas da vida militar, constituindo, portanto, um corpo de soldados civis⁶¹. Neste sentido, seu papel central decorre do fato de romper as barreiras entre o civil e militar, criando, portanto, uma realidade completamente consumida pelo conflito. Onde, por conseguinte, não existia o real sem a guerra e o confronto se tornava ele próprio o produtor da realidade.

Audoin-Rouzeau e Becker também salientam que o estudo do termo muitas vezes exige que as representações sejam isoladas das reconstruções dos próprios agentes e dos seus filhos, sobretudo no período do entre guerras. Impõe-se então uma dupla cronologia: a separação dos anos do conflito, conservando a ideia de que a guerra foi recusada posteriormente ao conflito, mas não durante seu decorrer; por outro lado, é conveniente que se atualize as representações dentro do próprio conflito⁶².

O estudo da Cultura de Guerra permite a abordagem das mais íntimas facetas do conflito, sejam políticas, culturais, emocionais, domésticas etc. Como defende Winter, o termo alude à “móbia mental” que homens e mulheres usaram para dar sentido aos seus mundos consumidos em guerra. Seguindo a analogia doméstica, casas diferentes possuem móveis distintas, da mesma forma acontece com este conceito. Não se deve partir de uma ideia singular de Cultura de Guerra. Como Winter explicita, a ideia de uma *culture de guerre* a nível nacional é evidente, no entanto ela também se mostra insuficiente, ao não abarcar as formas que diferentes grupos de civis compreendiam o conflito.

Outro eixo importante em nosso trabalho é o conceito de “representação”. Nesta pesquisa entendemos representação a partir da perspectiva de Roger Chartier. Este compreende que o conceito conforma o esquema das “classificações e exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço”⁶³. Chartier defende que existem dois sentidos do termo: por um lado, a representação como uma forma de vislumbrar um objeto ausente a partir de sua

⁶⁰ Estes dois elementos conformam o conceito de Guerra Total. Antonio Paulo Duarte (2005) definiu Guerra Total como “a mobilização total das nações para o esforço de guerra, mobilização não só militar, mas também tecnológica, industrial, intelectual e mediática. Ela caracterizava a massificação, não só humana, mas fundamentalmente material, característica da guerra nas sociedades industriais”. Outros estudos lidaram com a Guerra Total a partir de outros eixos. Para uma abordagem mais ampla ver o trabalho de Roger Chickering e Stig Förster *The Shadows of Total War: Europe, East Asia and the United States, 1919-1939*.

⁶¹ *Op. Cit.* AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. e BECKER, Anette. 1998 p. 242

⁶² *Ibid.*, p.239

⁶³ CHARTIER, Roger *A História Cultural: entre práticas e representações*. Algés: Difel, 1998. p. 27.

substituição por uma imagem capaz de reconstituir a figura tal qual ela é; e, por outro lado, a representação como a exibição de uma presença, como uma espécie de apresentação pública de um objeto latente, sendo este último sentido mais próximo do nosso trabalho⁶⁴.

Todavia, representações não podem existir fora de um suporte que lhes permitam serem lidas, necessitando, então, que sejam construídas com aspirações de universalidade, ainda que sejam sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjaram. Portanto, não podem ser consideradas como discursos neutros, “produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros (...) para legitimar reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”⁶⁵. Assim, é preciso supor que as representações estão colocadas em um campo de disputa em termos de poder e dominação.

Por último, o conceito de representação não pode ser entendido como simples reflexos ou imitações da sociedade. Os efeitos da representação devem ser analisados de forma mais profunda, na medida em que seus usos retóricos não apenas refletem a realidade política e social do meio ao qual pertencem, mas também são matrizes da construção de sua própria realidade, possuindo existência somente à medida que comandam atos.

A última parte de nosso fundo teórico refere-se à questão da masculinidade. Antes de tudo, precisamos ressaltar que entendemos a masculinidade como uma estrutura de poder simbólico, um conceito originalmente afeito ao estudo de classe e desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Seus estudos a respeito da questão de gênero são parcos quantitativamente. Quando os fez, debruçou-se sobre a questão da dominação masculina das estruturas sociais-institucionais, sobretudo em sua pequena obra nomeada *A dominação masculina*. Em nossa perspectiva, pensamos a partir de Bourdieu as relações internas à masculinidade, campo muito plural que se configura como um conjunto de atributos, papéis e comportamentos associados à figura masculina, podendo se diferenciar de acordo com as relações de gênero em cenários sociais distintos.

Segundo Bourdieu, o poder simbólico constitui-se como algo da ordem do invisível; como uma sombra cuja existência só é possibilitada com a cumplicidade daqueles que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem⁶⁶. Este poder possui a capacidade de construção de uma realidade que tende a estabelecer um sentido imediato do mundo à sua volta, possuindo

⁶⁴ No que tange as representações, outros trabalhos foram importantíssimos para o campo (em que pese a vastidão de obras que abordaram a temática), como a obra do medievalista George Duby, *As Três Ordens* (1978), o trabalho de Lynn Hunt sobre a cultura política durante a revolução francesa *Política Cultura e Classe na Revolução Francesa* (1984) e a obra *Orientalismo* (1990) de Edward Said, onde o pensador analisa a representação de um oriente médio imaginário na literatura moderna europeia.

⁶⁵ *Ibid.* p.17.

⁶⁶ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 8

então características gnoseológicas, ou seja, precedentes ao conhecimento lógico do mundo. Para Bourdieu, este poder constitui o fato pela enunciação, confirmando ou transformando a noção de mundo, mas que só se exerce se for reconhecido, ou seja, quando seu arbítrio é ignorado. Isto significa que, ao fim e ao cabo, o poder simbólico não reside em sistemas simbólicos ilusórios, mas que “se define numa relação determinada – e por meio desta - entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos”⁶⁷.

Propagando ideias de uma cultura dominante, os sistemas simbólicos têm como função política serem instrumentos de legitimação e imposição, assegurando as relações de força nessa sociedade. A dominação masculina imposta, se exerce a partir do que Bourdieu nomeou como violência simbólica, uma violência também imperceptível por suas vítimas que se exerce pelas vias da comunicação e do conhecimento.⁶⁸

A incorporação da violência, existente no meio social, ao próprio corpo dá-se, para Bourdieu, por meio do *habitus*, que em sua perspectiva seria um sistema de disposições duráveis e transponíveis que mediará a ação dos indivíduos e sua condição de produção externa.⁶⁹ A masculinidade como uma instituição só poderia ser eficaz a partir do momento que fosse objetificada em corpos que reconhecessem e concordassem com suas demandas, ou seja, que houvessem indivíduos dispostos a aceitar que determinadas características conformariam efetivamente a figura de um verdadeiro homem.

Como pretendemos demonstrar, a masculinidade possui em si uma grande pluralidade. George L. Mosse, ao tratar dos estereótipos masculinos nos anos 1990, teve como objeto um espectro que nomeou como “masculinidade normativa”. Em que pese a ênfase incorreta na normatividade, entendemos que o trabalho deste historiador pretendia abordar era o que vamos nomear como “masculinidade hegemônica”⁷⁰. Segundo R. W. Connell e Messerschmidt, este conceito teria sido formulado nos anos 1980, sendo entendido originalmente como um padrão de práticas que possibilitou a continuidade da dominação masculina sobre as mulheres, tendo como característica principal a combinação da pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre elas⁷¹.

Estatisticamente esta masculinidade não se mostrou abundante, sendo contemplada por uma minoria, funcionando como um modelo normativo a ser almejado, exigindo o

⁶⁷ *Ibid.*, p. 14

⁶⁸ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

⁶⁹ MCCNAY, Lois. Gender, Habitus and the Field: Pierre Bourdieu and the Limits of Reflexivity. *Theory, Culture & Society*, Londres, v.16, 1999. p. 99

⁷⁰ *Gender & Power: society, the person and sexual politics*. Cambridge: Polity Press, 1987. p. 183

⁷¹ CONNELL, Raewyn W. e MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.21, n.1, janeiro-abril. 2013. p. 242

posicionamento dos homens em relação a ela. Para Connell e Messerschmidt, as masculinidades hegemônicas expressam, em diversos sentidos, fantasias, ideias e desejos difundidos. Oferecem modelos de relação com o sexo feminino e respostas a problemas das relações e gênero. Também se articulam com a configuração prática das masculinidades como formas de viver situações cotidianas.⁷²

Este conceito passou - e ainda passa - por críticas muito severas. Muitos teóricos, como Martin⁷³, Wetherell e Edley⁷⁴, criticam uma certa fixidez do conceito. Outros, como Whitehead⁷⁵, acreditam que o conceito reduz o indivíduo ao determinismo estrutural. Primeiramente, partimos da visão que a masculinidade hegemônica altera-se ao longo do tempo, possuindo uma dinâmica própria. Ela também não se auto reproduz, precisa ser sustentada a partir do policiamento de todos os indivíduos que compõem a masculinidade. Também acreditamos que a masculinidade hegemônica é incapaz de apagar o sujeito, tendo em vista a multidimensionalidade das relações de gênero.

Neste trabalho também partimos do princípio que o bloco hegemônico masculino, além de não ser auto reproduzido e fixo ao longo do tempo, possui uma dimensão externa – a institucionalização do domínio masculino sobre as mulheres – e uma interna, que se refere à ascendência social de um determinado grupo de homens sobre outros. Por último, também entendemos que a masculinidade hegemônica não só é construída no discurso, como também é mobilizada pelos discursos, estando relacionada a formas particulares de representação e uso dos corpos dos homens. A partir disso, nossa análise dá-se a partir do que Connell e Messerschmidt chamaram de nível regional. Este nível corresponde a um sentido de realidade masculina a nível societal, operando, portanto, no domínio cultural e construído a nível do estado-nação⁷⁶.

A divisão teórica entre diferentes níveis e espaços nos dá margem para pensarmos sobre a multiplicidade de masculinidades. Partindo do princípio Bourdieu a masculinidade, antes de tudo, configura-se como uma ideia, possuindo concretude a partir do momento que possui representação, aqui entendida como estratégias simbólicas produzidas por grupos sociais distintos, que visam determinar as relações e posições dos indivíduos pertencentes a estes grupos a partir da construção de noções identitárias. Neste sentido, a definição do que

⁷² *Ibid.*, 2013, p. 253

⁷³ MARTIN, P. Y. “Why can’t a Man be more like a Woman? Reflections on Connell’s Masculinities.” *Gender & Society*, v. 12, n. 4, p. 472-474, 1998.

⁷⁴ WETHERELL, M.; EDLEY, N. “Negotiating Hegemonic Masculinity: Imaginary Positions and Psycho-discursive Practices.” *Feminism and Psychology*, v. 9, n. 3, p. 335-356, 1999.

⁷⁵ WHITEHEAD, S. M. *Men and Masculinities: Key Themes and New Directions*. Cambridge: Polity, 2002

⁷⁶ CONNELL, Raewyn W. e MESSERSCHMIDT, James. *Op. Cit.*, p. 267

seria efetivamente a masculinidade é alvo de constante disputa entre as diversas camadas sociais. Portanto, este trabalho não parte do princípio da existência de apenas uma masculinidade hegemônica para a totalidade da sociedade alemã do período, aceitando a coexistência de diferentes masculinidades hegemônicas em diferentes níveis. Também não compreendemos a masculinidade aqui como algo ausente de fluidez. O que pretendemos é identificar a noção do homem ideal na referida obra e de que forma ela é representada pelo seu autor, um ex-soldado proveniente das camadas médias da sociedade e com posições muito claras sobre seu entendimento acerca do futuro ideal para seu país.

CAPÍTULO II – Contexto histórico

No dia 7 de agosto de 1914, Walter Limmer, estudante de Direito em Leipzig, em carta enviada após seu alistamento, expressou seus sentimentos sobre a mobilização alemã iniciada no começo do mês: “*It is a joy to go to the front with such comrades. We are bound to be victorious! Noyhing else is possible in the face of such determination to win*”⁷⁷. Assim como Limmer, muitos contemporâneos caracterizaram as primeiras semanas de agosto e as massas inquietas nas ruas como evidência do “entusiasmo” de guerra alemão. Apenas um dia antes da redação da carta, o jornal *Norddeutsche Allgemeine Zeitung* publicou em editorial

*Whoever saw the masses in the streets of Berlin, whoever was carried away and marched with them, he has impressions he will carry with him for the rest of his life. What power, what glory lives in [the people], what magnificent beauty they possess, when a choir of thousands sings under the free skies, moved by elementary emotions*⁷⁸.

Evidentemente, muitas pessoas foram levadas pelas mobilizações populares por toda Alemanha no mês de agosto, dando origem a o que ficou conhecido como o “espírito de 1914”. As mobilizações não se conformaram em protestos, mas em afirmações patrióticas, com repertórios simbólicos próprios, como marchas, discursos e cânticos ensinados por meio do sistema educacional do Segundo Reich⁷⁹. No entanto, os movimentos apresentaram diferenças regionais e sociais muito claras. As massas entusiasmadas eram encontradas sobretudo nas grandes cidades, como Berlim e Munique, sendo compostas sobretudo pela juventude e estudantes universitários⁸⁰, portanto provenientes das camadas médias e altas da sociedade, tal como Limmer.

Bem antes de 1914, o advento de uma grande guerra europeia era antecipado na comunidade cultural internacional. Os anos anteriores à deflagração da Guerra foram testemunhas de uma certa expectativa fatalista, tornando o tema da guerra em algo recorrente entre os artistas contemporâneos. Segundo Mommsen, havia entre as elites culturais alemãs uma insatisfação com a antiga ordem, sentimento esse compartilhado não somente por

⁷⁷ Carta de Walter Limmer, de 07 de agosto de 1914 in WITKOP, Philipp. *German Students' War Letters*. Pine Street Books: Philadelphia, 2002. p. 1

⁷⁸ *Apud.*, Verhey, Jeffrey. *The Spirit of 1914: Myth and Mobilization in Germany*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 67

⁷⁹ *Ibid.*, p. 24

⁸⁰ VERHEY, Jeffrey. War and Revolution In: RETALLACK, James (Org) *Imperial Germany, 1871-1918*. New York: Oxford University Press, 2008. p. 244.

artistas e escritores, mas também por outras camadas alemães. Até mesmo entre as elites liberais a guerra ganhou um caráter revitalizador da cultura nacional ⁸¹.

Isto não era uma questão restrita ao caso alemão. Como Becker e Audoin-Rouzeau demonstram, artistas de outras nacionalidades, como o poeta francês Guillaume Apollinaire, apoiavam a ideia de uma guerra justa, ansiosos por um conflito que “levaria a humanidade em direção a um mundo mais puro e mais moderno”⁸². Em um poema, Apollinaire evidencia a questão

*Nous comprimés mon camarade et moi
Que l'appétite auto nous avait conduits dans une époque Nouvelle
Et bien qu'étant déjà tous deux hommes mûrs
Nous Venions cependant naître*⁸³

A juventude que ocorreu às juntas militares e aos quartéis tinha em si o entusiasmo militar e nacionalista também cultivado pela literatura infanto-juvenil pré Grande Guerra. Como defende Donson, a cultura da leitura em 1914 era a mais vibrante em toda a história alemã até o momento. Ainda que não os mais populares e muito menos os mais bem escritos, os romances que representavam alemães combatendo pela grandeza nacional recebiam financiamento das Forças Armadas e das classes médias nacionalistas. Em seu conteúdo, transmitiam uma ideia de masculinidade associada ao vigor da juventude, localizando estas características na vitalidade dos soldados⁸⁴.

A própria trajetória de Ernst Jünger pode servir-nos de exemplo dos efeitos da literatura e da geração de 1914. Nascido em 1895, na cidade de Heidelberg, esteve entre os soldados profissionais forjados pela Grande Guerra. Em 1913, fugiu da escola para se juntar à Legião Estrangeira Francesa na Argélia, tendo se alistado no exército alemão, em primeiro de agosto de 1914, aos 19 anos. Entrou em ação, pela primeira vez, em 27 de dezembro do mesmo ano, deixando o conflito apenas em 1918, quando feriu-se com mais gravidade, mas carregando a façanha de ser o mais jovem ganhador do *Pour le Mérite*, mais alta condecoração prussiana atribuída durante a guerra.

⁸¹ MOMMSEN, Wolfgang J. German artists, writers and intellectuals and the meaning of war, 1914-1918. In HORNE, John. (Org) *State, society and mobilization in Europe during the First World War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 22.

⁸² AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. e BECKER, Annette. *14-18: Understanding the Great War*. New York: Hill and Wang, 2002. P. 163

⁸³ APPOLINAIRE, Guillaume. *Calligrammes, poèmes de la paix et de la guerre (1918)*. Paris: Gallimard, 1965. p. 208.

⁸⁴ DONSON, Andrew. Models for Young Nationalists and Militarists: German Youth Literature in the First World War. *German Studies Review*, v.27, n.3, Out. 2004. p. 580

Em uma das primeiras passagens de *Tempestades de Aço*, Jünger deixa evidente seu entendimento sobre sua geração e o papel que a guerra desempenhava em um primeiro momento:

*Grown up in an age of security, we shared a yearning for danger, for the experience for the extraordinary (...). Surely the war had to supply us with what we wanted; the great, the overwhelming, the hallowed experience. We thought of it as manly, as action, a merry dueling party on flowered, blood-bedewed meadows. 'No finer death in the world than...' Anything to participate, not to have to stay home!*⁸⁵

À descrição acima segue-se o entendimento em Jünger de como a guerra moderna nada tinha a ver com sua concepção prévia, ao experienciar seu primeiro bombardeio: *War had shown its claws, and stripped off its mask of cosiness. It was so strange, so impersonal*⁸⁶.

Estes processos mentais, marcados pela quebra de expectativa, descritos por Jünger podem nos servir de analogia ao desenvolvimento militar alemão no conflito. Evidentemente não nos interessa aqui a digressão sobre o desenrolar militar do conflito, mas sim a compreensão mais geral do contexto militar em que Jünger esteve inserido, nunca deixando de lado a compreensão do conflito como Guerra Total, onde por definição os limites entre vida civil e militar são obscurecidos e a eliminação total do outro é a palavra de ordem.

A aposta inicial alemã era audaciosa: impedir uma guerra em duas frentes ao eliminar o exército francês antes que o Império Russo conseguisse mobilizar grandes contingentes. Para o sucesso, as tropas alemãs precisariam invadir a Bélgica, país neutro, criando a imagem de nação agressora, o que demonstrou a tendência alemã de planejamento apenas pautando-se em decisões militares.

Bem-sucedido em um primeiro momento, chegando mesmo a ameaçar a capital francesa, ainda em setembro de 1914 a frente ocidental de batalha já era marcada pela presença das trincheiras, fazendo deste *front* uma grande guerra de cerco onde os homens defrontavam-se com a morte industrializada das metralhadoras e da artilharia. Ao mesmo tempo, a guerra alemã a leste rendia bons resultados, o que dificultava o reconhecimento da delicada situação pelos estrategistas alemães.

Pautados na ideia de enfraquecer a moral de seus inimigos, forçando um armistício, o alto escalão militar alemão buscou no ocidente batalhas decisivas, como Verdun em 1916, local de suma importância ao esforço de guerra francês, ou a tentativa de sufocar o esforço de guerra Britânico com submarinos, ainda que o país não os tivesse em quantidade suficiente

⁸⁵ JÜNGER, Ernst. *Storm of Steel*. Londres: Penguin, 2004. p. 5

⁸⁶ *Ibid.*, p. 7

para tal. O fracasso da estratégia não apenas gerou grande número de baixas, como terminou por pavimentar o caminho da entrada dos norte-americanos no conflito em 1918.

A Revolução Russa em 1917 e a saída da guerra da Rússia Revolucionária com o Tratado de *Brest-Litovsk* permitiu o remanejamento dos contingentes na frente oriental para uma última grande ofensiva no ocidente, antes da chegada dos americanos ao continente europeu. Assim como em 1914, o sucesso inicial foi revertido em fracasso e contraofensiva, com o rompimento das linhas alemãs em agosto de 1918. Em menos de um mês o Supremo Comando alemão não apenas apelou pela paz com base nos Quatorze Pontos de Wilson, como permitiu a formação de um regime parlamentar, abrindo o caminho para a instauração da República de Weimar em novembro do mesmo ano⁸⁷.

É justamente durante o período de Weimar em que *Tempestades de Aço* foi lançado. O período compreende o pós Primeira Guerra Mundial até à ascensão do Nacional Socialismo, entre 1919 e 1933. Este recorte temporal nos parece ser crucial por compreender uma erosão dos sentidos alemães tradicionais de masculinidade, decorrente do profundo desequilíbrio institucional, social e econômico da República de Weimar e dos resultados práticos do conflito, que em seu auge envolveu mais de 13 milhões de homens alemães e cuja violência afetou um total de 19% de toda a população masculina, com 2 milhões de mortos em batalha e 4,2 milhões de feridos,⁸⁸ que pululavam pelas cidades com suas máscaras, cadeiras de roda e muletas, convertidos em memoriais (*Denkmäler*) vivos. Pode-se dizer que Weimar conteve promessas e tragédias: promessas de um mundo melhor, mais justo e democrático, mas engolida pelas tragédias econômicas que a derrota no conflito impôs ao país. Sua história econômica foi marcada pela hiperinflação, racionalização e desemprego, este último variando entre 1/3 e 40% no ano de 1932⁸⁹.

Os conflitos econômicos ressoavam a legitimidade de um sistema político cuja aceitabilidade cambaleou desde o princípio – sobretudo se pensarmos nas duas repúblicas proclamadas no dia 09 de novembro de 1918. A República de Weimar teve que lidar, em um plano externo, com as constantes humilhações infligidas pelos países vencedores e uma eventual ocupação militar de sua planta industrial, gerando o que Gerard Feldman chamou de “paradoxo da reparação”⁹⁰: os membros da Entente impunham obrigações humilhantes ao

⁸⁷ VERHEY, Jeffrey. War and Revolution In: RETALLACK, James (Org) *Imperial Germany, 1871-1918*. New York: Oxford University Press, 2008. p. 259.

⁸⁸ WEITZ, Eric D. *Weimar Germany: promise and tragedy*. Nova Jersey: Princeton University Press, 2013. p. 8.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 147.

⁹⁰ FELDMAN, Gerald D. *The Great Disorder: Politics, Economics, and Society in the German Inflation, 1914-1924*. Nova Iorque: *Oxford University Press*, 1997. p. 406.

Estado Alemão, ao mesmo tempo que minavam a legitimidade e estabilidade necessárias ao pagamento de uma dívida que chegava a 132 bilhões de marcos lastreados em ouro. No plano interno, o governo tinha que lidar com uma direita aristocrática organizada que ainda dominava camadas poderosas do Estado, como o exército e o poder judiciário, legitimando ações violentas da direita radical que se organizava em grupos paramilitares. Segundo Eric Weitz, estas camadas possuíam um “déficit democrático”, ou seja, uma relutância profunda e hostil em aceitar a existência da nova República⁹¹. Não à toa, entre 1920 e 1932, a República teve 14 governos diferentes⁹², sempre em busca de uma completa genuinidade nunca atingida.

Socialmente, Weimar era um vulcão prestes a explodir. Soldados, relutantes em abandonar suas armas⁹³, voltaram para uma sociedade faminta e empobrecida, vivendo a beira de um movimento revolucionário socialista, que por um breve período forneceu às camadas mais baixas um senso de participação na moldagem de seu próprio mundo⁹⁴. Para Weitz, não à toa estes soldados viam na luta armada contra grupos revolucionários uma forma de continuar defendendo seu país, idealizando o combate masculino como uma forma de política ao “glorificar a guerra e o combate nas trincheiras, buscando continuamente recriar o sentimento de solidariedade entre os homens em batalha, acompanhada de arraigado e quase mitológico medo e ódio às mulheres”⁹⁵.

Ernst Jünger, pelo menos em teoria, fazia parte dessa massa de retornados do conflito, estando ligado às associações de veteranos de guerra, como a *Stahlhelm*, grupo paramilitar de extrema direita fundado ainda em 1918, chegando a constituir em 1929 o braço armado do *DNVP (Deutschnationale Volkspartei)*, o Partido Popular Nacional Alemão. Permaneceu no Exército até 1923, retornando em 1939, ao começo da Segunda Guerra Mundial, passando a maior parte deste conflito na Paris ocupada.

Durante os anos de Weimar, Jünger fez parte de um movimento político e cultural chamado de “Revolução Conservadora”, servindo como uma espécie de “vanguarda intelectual da direita”⁹⁶. Este grupo, composto por acadêmicos, jornalistas, escritores e

⁹¹ WEITZ, Op. Cit. p. 75.

⁹² HENIG, Ruth. *The Weimar Republic, 1919-1933*. Londres: Routledge, 1998. p. 27

⁹³ Muitos também eram os casos onde os soldados vendiam ou trocavam seus armamentos, cavalos e peças de veículos em troca de produtos básicos, como pães e cigarros. Milhares de armas foram registradas como desaparecidas à época do armistício. De acordo com os dados do governo alemão de 1920, quase dois milhões de rifles eram mantidos de forma ilegal no país, bem como mais de oito mil metralhadoras e 400 morteiros. Para mais ver BESSEL, Richard. *Germany after the First World War*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

⁹⁴ Ver LOUREIRO, Isabel. *A Revolução Alemã, 1918-1923*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

⁹⁵ WEITZ, Op. Cit. p. 35.

⁹⁶ STRUVE, Walter. *Elites against Democracy: Leadership Ideals in Bourgeois Political Thought in Germany, 1890-1933*. Princeton: Princeton University Press, 1973. p. 227

políticos do período, dedicavam-se a produzir manifestos, ficções e diários com um viés nacionalista radical e contendo debates acerca do futuro político alemão e ocidental. Segundo Jeffrey Herf, este grupo pode ser classificado como “modernistas reacionários”, pois uniam o romantismo anticapitalista oitocentista do conservadorismo alemão à ideia de uma nação unida e avançada com as tecnologias do mundo moderno no século XX⁹⁷. Dentro deste movimento, Jünger fez parte da ala conhecida como “os novos nacionalistas”. Segundo Roger Woods, este grupo tinha como objetivo levar adiante os valores e estruturas militares para a sociedade saída do conflito⁹⁸, baseando-se no mito da camaradagem das trincheiras como forma ideal de reconstrução de uma sociedade partida.

Lançado em 1920 e classificado como um livro de memórias, *Tempestades de Aço* precede em quase 10 anos o *boom* de escritos, filmes e peças que abordavam a temática militar na Alemanha⁹⁹. A primeira impressão da obra teve apenas duas mil cópias, sendo voltada apenas para veteranos e ex-membros de seu regimento, tendo o elemento diarístico em evidência. Este componente passou por algumas supressões nas outras sete edições, ainda que nunca tenha deixado de existir. O primeiro título da obra nos dá pistas de seu público alvo: *Em Tempestades de Aço: dos diários de um Comandante das Tropas de Choque, Ernst Jünger, Voluntário de Guerra e subseqüentemente Tenente no Regimento de Rifles do Príncipe Albrecht da Prússia (73º Regimento Hanoveriano)*.

Posteriormente, Jünger foi chamado para publicar pela editora *Mittler & Son*, sediada em Berlim desde 1789 e especializada em livros militares e literatura, chegando a publicar as instruções e jornais militares durante a Primeira Guerra¹⁰⁰. Lá, entre 1922 e 1932, publicou 7 livros, sendo apenas um não relacionado diretamente à temática bélica, incluindo o mais visceral *Der Kampf als inneres Erlebnis*, de 1922, onde o autor enfatiza a luta existencial onde os instintos animais eram “liberados”, esboçando de forma mais explícita a ideia do Novo Homem.

Ao todo, *Tempestades de Aço* teve oito edições, mas com alterações significativas em apenas duas. A primeira edição da obra nada mais era que o diário publicado em sua integralidade. Após a ida de Jünger para a nova editora, a obra foi relançada, em 1922. Para

⁹⁷ HERF, Jeffrey. *Reactionary Modernism: Technology, culture, and politics in Weimar and the Third Reich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 1.

⁹⁸ WOODS, Roger. Ernst Jünger, the New Nationalists, and the Memory of the First World War. In LEYDECKER, Karl. *German Novelists of the Weimar Republic: Intersections of Literature and Politics*. Nova Iorque: Camden House, 2006. p. 125.

⁹⁹ EKSTEINS, Modris. All Quiet on the Western Front and the fate of a War. *Journal of Contemporary History*. Londres, v.15, 1980. p. 345.

¹⁰⁰ SCHULZ, Gerd: *S. Toeche-Mittler Verlagsbuchhandlung GmbH, vormals E. S. Mittler & Sohn, Berlin: 200 Jahre eines deutschen Verlags*. Darmstadt: STM Verlag, 1989.

a edição de 1924, o livro foi reescrito em sua totalidade, adquirindo um viés ultranacionalista, o que dificultou parcialmente suas vendas no exterior, mas que em contrapartida dialogava como a realidade em que o autor estava inserido. A segunda profunda modificação foi feita para a edição de 1934, onde Jünger, já mais maduro, retirou as partes mais violentas e nacionalistas da obra, talvez em decorrência da crescente violência dos anos do Nacional Socialismo, adicionando uma homenagem de caráter transnacional: “Aos caídos”. Ironicamente, é justamente nos anos 1930 que as vendas da obra aumentam exponencialmente, alcançando a marca de 250 mil cópias vendidas em 1945 ¹⁰¹.

¹⁰¹ WOODS, R. *Op. Cit.*, p. 126.

CAPÍTULO III – Violência, masculinidade e o Pós-Guerra

“Ainda pesa sobre nós a sombra do monstro. A mais poderosa das guerras ainda está próxima a nós, de forma que conseguimos examiná-la por completo, mas muito menos pode seu espírito ser visivelmente cristalizado”¹⁰². Esta é a frase que abre a introdução da primeira edição de *Tempestades de Aço*. Em que pese a certeza mal fundada de que em 1920 era possível examinar todo o conflito, é muito claro o entendimento de Jünger que algo da guerra permanecia em aberto, incapaz de solidificar-se. Evidentemente, a frase acima não deixa claro nenhum juízo de valor que seu autor faz sobre o conflito. Na introdução da edição de 1926, a posição de Jünger já se tornava mais clara: “Nós não estamos dispostos a retirar a guerra de nossos pensamentos; somos orgulhosos dela”¹⁰³.

O orgulho ao qual Jünger se refere nos parece bastante evidente se pensarmos o contexto onde se insere. A violência mostrou-se como uma das respostas políticas mais imediatas à guerra, estando inserida nas práticas alemãs até pelo menos 1945, sobretudo se pensarmos no advento dos grupos paramilitares surgidos no país e seu impacto na política nacional, cujo auge seria a própria ascensão do Partido Nacional Socialista. Não se pode afirmar que o surgimento destas associações e a violência do pós-guerra sejam um fenômeno exclusivamente alemão. Como Gerwarth e Horne argumentam, o aparecimento e intensidade destas características tende a variar de acordo com o nível de absorção da população dos países no esforço de guerra, ainda que em todos os casos o surgimento esteja ligado de forma direta ao colapso do monopólio da violência por parte do Estado, embora não exclusivamente

104.

As manifestações de violência podem ser consideradas a partir da questão da desmobilização e de sua intensidade cultural, sendo distinta entre os beligerantes. O caso alemão foi profundamente marcado pelo fato de a guerra ter sido combatida em solo estrangeiro, o que significou a não confrontação da população com a presença física dos inimigos, pelo menos até o final do conflito, visto as ocupações Aliadas no pós-guerra. A derrota externa facilitou a recusa alemã em sua aceitação, assim como também possibilitou o surgimento da ideia do conflito ter um caráter defensivo, estando esta ideia presente nos

¹⁰² “Noch wuchtet der Schatten des Ungeheuren über uns. Der gewaltigste der Kriege ist uns noch zu nahe, als daß wir ihn ganz überblicken, geschweige denn seinen Geist sichtbar auskristallisieren können”.

JÜNGER, Ernst. *In Stahlgewittern: Aus dem Tagebuch eines Stoßtruppführers* Berlin: E.S. Mittler, 1922. p. 1

¹⁰³ “Wir sind nicht gewillt, diesen Krieg aus unserem Gedächtnis zu streichen, wir sind stolz auf ihn.”

JÜNGER, Ernst. *In Stahlgewittern: Aus dem Tagebuch eines Stoßtruppführers* Berlin: E.S. Mittler, 1926. p. XIV

¹⁰⁴ GEWARTH, Robert e HORNE, John. The Great War and Paramilitarism in Europe, 1917-23. *Contemporary European History*. v.19, n.03. Ago. 2010. P.267-273. p. 270

discursos dos mais altos oficiais alemães¹⁰⁵. Em novembro de 1918, Hindenburg, em comunicado às tropas, escreveu “Vocês mantiveram os inimigos longe de nossas fronteiras e salvaram seu país dos infortúnios e desastres da guerra ... Orgulhosos e com nossas cabeças levantadas, trouxemos ao fim a luta em que nos defendemos por quatro anos contra um mundo cheio de inimigos”¹⁰⁶. Neste sentido, a violência pode ser considerada como uma tradução desse sentimento.

Segundo Kaes, a negação da derrota também pode ser analisada a partir de uma estrutura do trauma, sendo seu caráter repressivo e latente a marca do inconsciente de Weimar¹⁰⁷. Para Audoin-Rouzeau e Becker, a incompreensão da derrota também aparecia suprimida de formas literais, como evidenciado pela ausência da derrota nos manuais escolares alemães durante o pós-guerra¹⁰⁸. De toda sorte, todas as reações à derrota, sobretudo aquelas relacionadas as ações violentas das *Freikorps*, especialmente quando mobilizadas pelo Estado na supressão aos comunistas, demonstram como a desmobilização alemã ao final da guerra não pode ser considerada em uma perspectiva cultural. A cultura de guerra alemã sobreviveu e foi cultivada após o armistício.

Parte substancial dos legados do conflito estiveram ligados à forma que este foi experienciado e representado. Como explicitado por Correia, “a experiência de guerra transportou o culto da memória para um nível de produção e consumo de massa. Face à ruptura que a tragédia impõe (...) sobre as representações e representantes nacionais, tornava-se urgente uma reconstrução”¹⁰⁹. George L. Mosse associou a violência do pós-guerra ao chamou de Mito da Experiência de Guerra. Para ele, o Mito, desenvolvido sobretudo nos países derrotados, havia sido pensado com o objetivo de mascarar e legitimar a experiência de guerra, transformando-a em um evento sagrado e imbuído de sentido. O Mito não poderia partir totalmente de uma ficção, vista que apelava aos ex-combatentes, buscando transformar e perpetuar a experiência da guerra. Portanto, o alvo por excelência do Mito eram os voluntários dos primeiros momentos do conflito, a geração de 1914¹¹⁰. Ao fim e ao cabo, o Mito designa uma forma de homens e mulheres confrontarem o conflito a partir do que Mosse chamou de sua domesticação¹¹¹.

¹⁰⁵ *Op. Cit.* AUDOIN-ROUZEAU, S. e BECKER, A. 2002 p. 168

¹⁰⁶ *Apud. Op. Cit.* AUDOIN-ROUZEAU, S. e BECKER, A. 2002 p. 168

¹⁰⁷ *Op. Cit.* KAES, A. 2009, p. 2.

¹⁰⁸ *Op. Cit.* AUDOIN-ROUZEAU, S. e BECKER, A. 2002 p. 169

¹⁰⁹ CORREIA, Sílvia. *Entre heróis e mortos: políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015. p. 39.

¹¹⁰ *Op. Cit.* MOSSE, George L. 1990. p. 7

¹¹¹ MOSSE, George L. Two World Wars and the Myth of the War Experience. *Journal of Contemporary History*, Vol. 21, No. 4 (Oct., 1986), p. 491-513. P. 492

Que fique claro, o entusiasmo que envolveu os momentos mais iniciais de mobilização e sua confirmação após as notícias das primeiras vitórias alemães cedeu espaço ao tédio gerado pela quebra de expectativas. No lugar dos combates diretos, os bombardeios forçavam os homens à quase passividade das trincheiras. Esta desilusão é muito clara em Jünger:

*After only a short time with the regiment, we had become thoroughly disillusioned. Instead of the danger we'd hoped for, we had been given dirt, work and sleepless nights, getting through which required heroism of a sort, but hardly what we had in mind. Worse still was the boredom, which is still more enervating for the soldier than the proximity of death*¹¹².

Passado o conflito, e ainda em certo sentido durante o próprio, a percepção da experiência como algo tedioso foi suplantada pelas memórias de soldados que viam na guerra elementos positivos, sendo esta percepção adotada pelas nações como a mais legítima. Para Mosse, este movimento era intencional, tendo como seu objetivo “fazer da herança não palatável algo aceitável, importante não apenas à consolação, mas acima de tudo para a justificação da nação sob qual em seu nome a guerra havia sido combatida”¹¹³.

Neste sentido, o Mito da Experiência de Guerra não se baseou nos combatentes que permanecerem nas retaguardas, ou que não chegaram a vislumbrar efetivamente o combate, mas nas experiências dos soldados nas frentes de batalha, sobretudo os homens alocados nas infantarias¹¹⁴. Também no pensamento de Jünger, seria o soldado da infantaria que conformaria no pós-guerra o “novo homem”

*Heroes, if the word would not have been cheap (...) Lonely they stood in the thunderstorm of the Battle when death galloped as a red knight with flames hooves through billowing mists.(...) They were overcomers of fear; Rarely did salvation come to them,(...) That was the German infantryman during the war. No matter what he fought for, his fight was superhuman (...)*¹¹⁵.

A figura do homem de infantaria como possuidor da experiência bélica por excelência era usada pelo Estado alemão desde antes do conflito¹¹⁶, em uma espécie de “negação da realidade que permitiu a recomposição do referente militar-viril”¹¹⁷. Todavia, como Winter

¹¹² *Op. Cit.* JÜNGER, Ernst. 2004 p. 13.

¹¹³ *Op. Cit.* MOSSE, George L. 1990. 7

¹¹⁴ *Op. Cit.* MOSSE, George L. 1986. p. 491

¹¹⁵ *Op. Cit.* JÜNGER, Ernst, 1922. p. 1-2. Por ser um trecho mais extenso, preferi traduzir para o inglês, por esta conter maiores similaridades com a língua original.

¹¹⁶ Ver FUNCK, Marcus. Ready for War? Conceptions of Military Manliness in the Prusso-German Officer Corps before the First World War (p. 44-67) in HAGEMANN, Karen e SCHÜLER-SPRINGORUM, Stefanie (Org.) *Home/Front: The Military, War and Gender in Twentieth-Century Germany*. Oxford: Berg, 2002.

¹¹⁷ AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? In CORBIN, Alain (Org.) *História da Virilidade: 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013. p.243.

ressaltou, ainda que os Estados tivessem controle sobre a propaganda, isso não significava que estas eram plenamente dirigidas pelas instâncias estatais. Segundo ele, *"the power of state propaganda was a function of its synergistic relationship with opinion formed from below"*¹¹⁸, o que significa dizer, portanto, que a propaganda ressoava pois partilhava de opiniões correntes nas sociedades em conflito.

O cartaz, de autoria do artista Fritz Erler, ganha destaque por ser justamente a primeira propaganda a mobilizar a figura do homem da infantaria. Nela surge a figura do soldado desconhecido alemão¹¹⁹, que mesmo sob ataque, como percebe-se pela máscara recém usada, sujo das trincheiras e da lama presente nos campos de batalha, rompe o arame farpado, com um olhar altivo e brilhante, não somente um sobrevivente da guerra moderna, mas como um indivíduo transformado. Na parte superior do cartaz os dizeres "Nos ajude a triunfar". Com o objetivo de estreitar os laços entre o front e a sociedade, o soldado representava não apenas a comunidade nacional, que em 1917 já havia sentido pesadas baixas, mas também todos os filhos, maridos e pais que combatiam no *front*.

¹¹⁸ WINTER, Jay. Propaganda and the Mobilization of Consent. In STRACHAN, Hew. *The Oxford Illustrated History of the First World War*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 216-217. Para uma maior especificidade no caso alemão ver WELCH, David. *Germany, Propaganda and Total War, 1914-1918: The Sins of Omission*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2000 e THER, Vanessa. Propaganda at Home (Germany) , in DANIEL, Ute. *et al. 1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War*. Berlin: Frei Universität, 2014.

¹¹⁹ Um dos símbolos mais generalizados após o fim do conflito, devido ao elevado número de mortos e a grande brutalidade presente no conflito, que na maioria das vezes impedia o reconhecimento corporal das vítimas

Imagem 1: Propaganda de guerra de 1917



Fonte: Lebendiges Museum Online

O Mito da Experiência de Guerra sintetizava os temas que mobilizavam os homens, como o ideal de camaradagem, o culto aos caídos, a guerra como um teste à masculinidade e toda uma série de temas que, quando mobilizados, auxiliavam na apreensão da experiência sem precedentes gerada pela Primeira Guerra Mundial¹²⁰, servindo portanto como uma espécie de arcabouço de símbolos e sentidos democratizantes e democratizados, no sentido de estarem ao alcance tanto de literários quanto dos homens comuns, em que pese todos os recortes sociais e econômicos. Neste sentido, o Mito é irremediavelmente performático em seus mais diferentes aspectos, criando e mobilizando espécies de *canons* que legitimavam o conflito.

3.1 A masculinidade em Jünger

A masculinidade moderna – aqui entendida como um conjunto de atributos, comportamentos e papéis construídos em associação ao gênero masculino – mobilizada pelo Mito não correspondia a uma visão compartilhada igualmente pelas diferentes camadas

¹²⁰ Ver capítulo 5 “The Cult of the Fallen Soldiers”, de MOSSE, G.L. *Fallen Soldiers: reshaping the memory of the world wars*. Nova Iorque: *Oxford University Press*, 1990.

sociais. As características atribuídas à versão hegemônica da masculinidade eram justamente aquelas partilhadas como ideias pelas camadas médias da sociedade, excluindo-se, portanto, trabalhadores, homossexuais, *etc.*

Como novo advento, a sistematização e a formação de estereótipos masculinos tiveram papel crucial nas sociedades ao determinar quais seriam considerados os padrões normativos e aceitáveis de comportamento e moralidade, sendo, em contrapartida, influenciadas pelo resultado da normatização ¹²¹. O homem deveria defender sua honra, modelar seu caráter, embelezar seu corpo, ser patriota, aventureiro, destemido e heroico. Esta caracterização romântica era muito comum em diversas nações, possuindo pouquíssimas ou nenhuma variação entre os países. Segundo George L. Mosse, o homem ideal simbolizava a ordem e o progresso, temas recorrentes no século XIX, e teve sua imagem rapidamente cooptada pelo nacionalismo moderno, reforçando suas bases e legitimidade ¹²². Para ele, o estereótipo masculino não estava ligado a nenhuma das poderosas ideologias políticas do século XIX. Encontrava-se não apenas nos conservadores, como também nos movimentos dos trabalhadores¹²³.

Como argumenta Joane Nagel, o fato de o nacionalismo oitocentista ser estritamente ligado às instituições, e essas serem – e ainda o são – dominadas majoritariamente por homens, é o fator que aproximou ideias nacionalistas¹²⁴ e militaristas à um determinado tipo de masculinidade, concluindo sua hegemonia a partir de ferramentas estatais. Neste sentido, o nacionalismo, ou qualquer outra ideologia, não teria cooptado a masculinidade, mas sim se construído para enfatizar e ressoar certos temas culturais masculinos.¹²⁵

A defesa da masculinidade, tornou-se parte integrante da atmosfera do país ao final dos oitocentos, sendo a própria representação da nação ligada às imagens masculinas que atendiam um padrão de beleza socialmente aceito, criando uma espécie de masculinidade militante previamente aos eventos de 1914, que alimentou o exército alemão de soldados de forma considerável no começo do conflito¹²⁶. A guerra era vista por determinados grupos românticos como a forma ideal de criar um Homem Novo, combatendo a tirania e a hipocrisia

¹²¹ *Ibid.*, p. 4

¹²² *Ibid.*, p.77

¹²³ *Ibid.*, p. 7

¹²⁴ NAGEL, Joane. Masculinity and nationalism: gender and sexuality in the making of nations. *Ethnic and Racial Studies*, Londres, v. 21, n. 2, mar. 1998. p. 247.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 251.

¹²⁶ Nem a própria estrutura militar e o oficialato ficaram isentas de reformas “masculinizantes”, sobretudo após o escândalo Eulenburg, entre 1906 e 1908. Para mais, ver FUNCK, Marcus. Ready for War? Conceptions of Military Manliness in the Prusso-German Officer Corps before the First World War (p. 44-67) in HAGEMANN, Karen e SCHÜLER-SPRINGORUM, Stefanie (Org.) *Home/Front: The Military, War and Gender in Twentieth-Century Germany*. Oxford: Berg, 2002.

das classes burguesas – ainda que isto incorresse em uma certa contradição – e valorizando os elementos formativos masculinidade hegemônica vigente, como o patriotismo; a força física; a coragem; a modéstia; as proporções harmoniosas do corpo; o autocontrole; a justiça em sua vida diária, em combate e nos esportes; o cavalheirismo em relação às mulheres e a valorização da natureza da nação¹²⁷. A Primeira Guerra Mundial configurou-se como o auge de um ideal de masculinidade em sua caracterização guerreira, adicionando um endurecimento nas características atribuídas ao padrão hegemônico, uma “militarização da virilidade”¹²⁸ que deu ênfase maior à coragem, ao sacrifício, à camaradagem, à virilidade e jovialidade.

Como argumenta Donson, ainda nos anos anteriores à guerra, a literatura mostrou-se veículo difusor do nacionalismo e militarismo entre a juventude, sobretudo a partir de 1908, com a suspensão do banimento de assuntos políticos em publicações infantis¹²⁹. Neste sentido, podemos supor que Jünger, ele próprio um membro das camadas médias letradas, durante sua juventude esteve à mercê da literatura nacionalista, que presava pelos feitos militares, ressoando temáticas *völkish*¹³⁰, sobre uma concepção clara do que significava ser um homem em seu estrato social. Reforça nosso argumento o fato de Jünger ter se juntado à Legião Francesa antes mesmo da Primeira Guerra Mundial.

As relações explicitadas acima ressoam a ideia de Jay Winter sobre as representações do conflito durante e após a guerra. Para ele, ainda que guerra fosse combatida a partir dos alcances técnicos e científicos da modernidade, as referências mobilizadas em suas representações não o eram. Para o historiador, “ficções, memórias, contos e peças revelam a riqueza de evidências de como os motivos de mobilização da guerra e de suas imagens derivavam das tradições clássicas, românticas e religiosas da literatura europeia”¹³¹.

A questão é que a subsistência das referências românticas em Jünger não podem ser consideradas como as únicas. Como Jeffrey Herf afirma, em Jünger, os temas românticos, como a morte e a transformação, são posicionados a partir de contextos modernos¹³². A

¹²⁷ *Op. Cit.* MOSSE, George L. 1990. p. 60.

¹²⁸ *Op. Cit.* MOSSE, George L. 1996, p.59

¹²⁹ *Op. Cit.* DONSON, Andrew. p. 583.

¹³⁰ Vale ressaltar neste ponto que a tradução da palavra “*Volk*” para a língua portuguesa seria “povo”. Todavia, quando falamos do Movimento *Völkish*, “*Volk*” assume um significado de uma união de grupos de pessoas que dividiriam uma mesma “essência” transcendental. Segundo Mosse (1964, p.4), esta essência era retratada nas obras românticas muitas vezes como “natureza”, “cosmos” ou “mythos”, mas sempre demonstrada como algo fundido à essência natural dos homens, sendo descrita como a origem de seus mais profundos sentimentos, sua criatividade, sua individualidade e sua unidade com os outros membros do *Volk*.

¹³¹ WINTER, Jay. *Sites of Memory, sites of Mourning: The Great War in European cultural history*.

Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 178.

¹³² *Op. Cit.* HERF, Jeffrey. p. 75.

guerra passava então a assumir a forma de um ritual de renascimento e transfiguração, produzindo, ao seu final, o homem como “formas de aço”, posicionado de forma ambivalente entre as virtudes heroicas românticas e os avanços técnicos¹³³. Essa relação, quase antagônica, esteve presente na bibliografia de Jünger dos anos do entre guerras de forma muito clara, seja nas questões temáticas, seja nas caracterizações masculinas, não sendo possível traçar de forma tão explícita suas fronteiras.

Os escritos mobilizados na argumentação desta hipótese partem, geralmente, de fases onde a figura literária de Jünger já estava em processo de consolidação, ou até mesmo já consolidada. Nosso ponto aqui é demonstrar como essa ambivalência de representações já estava posta, talvez não de forma tão clara, em *Tempestades de Aço*. Algumas caracterizações e temáticas sobre a masculinidade já são muito evidentes na obra, como no caso da camaradagem. Este ponto assume uma função crucial em Jünger, visto seu desejo de aplicação dos valores da camaradagem à realidade de Weimar no pós-guerra¹³⁴.

A camaradagem surge em Jünger ainda nas primeiras páginas de seu diário: “*Relations between the men were very cordial. It was here that I made close friendships, which were to stand the test of many battlefields*”¹³⁵. Ao longo do livro, a relação estabelecida entre os homens é sempre representada a partir de características de bravura – por exemplo, o sangue frio dos companheiros de armas –; carinho e amizade, como a preocupação com o companheiro vizinho durante um ataque – *from time to time, they checked to left and right to see whether we still in contact, and they smiled when their eyes encountered those of comrades*¹³⁶. O uso do termo “camarada” também se mostra de forma subsequente em determinadas partes, enfatizando o laço estabelecido entre os homens em combate

A experiência comunal do conflito, como argumenta Mosse, possibilitava aos homens uma abordagem transcendental da morte em massa¹³⁷, partindo de uma visão muitas vezes puramente idealizada. Ao final da Grande Guerra, a visão positiva sobre a camaradagem derivava, segundo Mosse, de uma vontade de pertencimento a uma comunidade significativa no mundo moderno, resulta de uma espécie de isolamento gerado com a modernidade¹³⁸. Segundo Herf, Jünger enfatizava a dissolução do eu em detrimento da comunidade dos homens. O soldado individual, ao se dissolver na camaradagem, encontraria uma ligação

¹³³ *Ibid.*, p. 85

¹³⁴ *Op. Cit* WOODS, Roger. 2006 p. 125

¹³⁵ *Op. Cit.* JÜNGER, Ernst. 2004. p. 18

¹³⁶ *Ibid* p. 28

¹³⁷ *Op. Cit* MOSSE, G. L. 1990. p. 65

¹³⁸ *Ibid.*, p. 5

simbiótica na comunidade masculina, sendo essa relação um tesouro achado nas trincheiras da guerra¹³⁹. Neste sentido, seguindo o argumento de Oliver Kohns¹⁴⁰, a representação da camaradagem em *Tempestades de Aço* parece assumir muito mais a intenção de reconstruir a disposição do gênero masculino na sociedade do pós-guerra, do que em estabelecer uma estética da guerra.

A comunidade masculina, ou a camaradagem, demonstra esse “entre lugar” do pensamento Jüngeriano. Ao mesmo tempo que sua formação remontaria a uma ligação muito próxima das ideias *volkish* e da formação de uma comunidade (*Gemeinschaft*) romântica, ela o faria a partir da dissolução do eu em relação ao coletivo, portanto, de uma rejeição do princípio da liberdade individual¹⁴¹.

Outros temas relacionados à masculinidade aparecem apenas em seu aspecto mais romantizado, como o heroísmo e a coragem. Esses são encontrados mais comumente nos registros de alguns diálogos e reflexões nas trincheiras, como no caso do soldado que se preocupa mais em não poder lutar do que pelo fato de ter sido alvejado

*‘What Happened to you, comrade?’
‘I’ve been shot in the bladder.’
‘Is it very bad?’
‘Oh, that’s not the problem. I can’t stand it that I can’t fight...’¹⁴²*

A coragem também podia ser representada a partir da naturalização da guerra, chegando a violência a significar aconchego: *‘Oh, if only there’d be a bit of bombardment so we could get some peace!’ It’s true too: a couple of heavy bombs only contribute to the overall feeling cosiness¹⁴³.*

Nos dois trechos, a coragem aparece a partir de uma posição passiva, como uma forma de aceitação da realidade do ferido, ou da constante possibilidade do ataque como uma forma de combater o tédio da normalidade. Também na obra a coragem aparece de forma ativa, sobretudo a partir de escolhas. Exemplo disso é descrição da figura do Tenente Brecht, cuja única característica é a de “amar o perigo”. Brecht havia voltado às pressas dos Estados Unidos no momento de deflagração da guerra sendo, para Jünger, o homem ideal para comandar a companhia de Jünger¹⁴⁴. Em certo sentido, a figura de Brecht pode ser vista como

¹³⁹ Op. Cit. HERF, Jeffrey. 1984. p. 75.

¹⁴⁰ KOHNS, Oliver. An aesthetic of the unbrable: the cult of masculinity and the sublime in Ernst Jünger’s “Der Kampf als inneres Erlebnis”. *Image & Narrative*. v. 14, n. 3. P.141-150. 2013. p. 142

¹⁴¹ COELHO, Victor de O. P. Ernst Jünger e o demônio da técnica: modernidade e reacionarismo. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p.246-273, maio/ago. 2017. p. 252.

¹⁴² Op. Cit. JÜNGER, Ernst. 2004. p. 32-33

¹⁴³ *Ibid.*, p. 49

¹⁴⁴ *Ibid.*, p.42

uma analogia ao próprio Jünger, visto o fato dele também ter retornado ao seu país no começo da guerra para se alistar.

A coragem também surge como tema na descrição das ações da companhia, como a escolha de permanência no ponto mais vulnerável da trincheira em detrimento das ordens de retirada¹⁴⁵. Naturalmente, sua ênfase é maior nos trechos da obra onde os combates são mais intensos, como no capítulo “Guillemont”. A descrição da região já causa a surpresa pelo fato do autor ser um sobrevivente

When we dug foxholes, we realized that they were stacked in layers. One company after another, pressed together in the drumfire, had been mown down, then the bodies had been buried under showers of Earth sent up by shells, and then the relief company had taken their predecessors' place. And now it was our turn¹⁴⁶.

Frente ao horror, Jünger pode achar sua coragem em seus companheiros

Now and then, by the light of a flare, I saw steel helmet by steel helmet, blade by glinting blade, and I was overcome by a feeling of invulnerability. We might be crushed, but surely, we could not be conquered

A coragem, bravura e excitação pelo conflito geravam a ideia da guerra como uma aventura, termo inclusive mobilizado por Jünger em determinados momentos da obra, sendo também o caráter aventureiro relacionado a partir da referência ao escritor de aventuras Karl May¹⁴⁷ durante uma ação de combate. Todos esses atributos conformavam a figura que Jünger chamou de “guerreiro da trincheira”¹⁴⁸. Segundo Joanna Bourke, somados a certas formalidades e altruísmos, a imagem do guerreiro era representada a partir da ideia de um cavalheirismo¹⁴⁹. Uma dessas situações pode ser a relação estabelecida com o inimigo

Throughout the war, it was always my endeavour to view my opponent without animus, and to form an opinion of him as a man on the basis of the courage he showed. I would always try and seek him. But never did I entertain mean thoughts of him. When prisoners fell into my hands, later on, I felt responsible for their safety, and would always do everything in my power for them¹⁵⁰.

A visão cavalheiresca que se delineia em Jünger em certos momentos ressoava de forma profunda a representação das figuras masculinas da propaganda alemã nos momentos

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 52

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 98. O interessante da cena é que ela também foi recorrente dentro do movimento pacifista, sobretudo após a Guerra. Isso fica mais evidente no trabalho de Otto Dix, *Mahlzeit in der Sappe*, de 1924.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p. 70

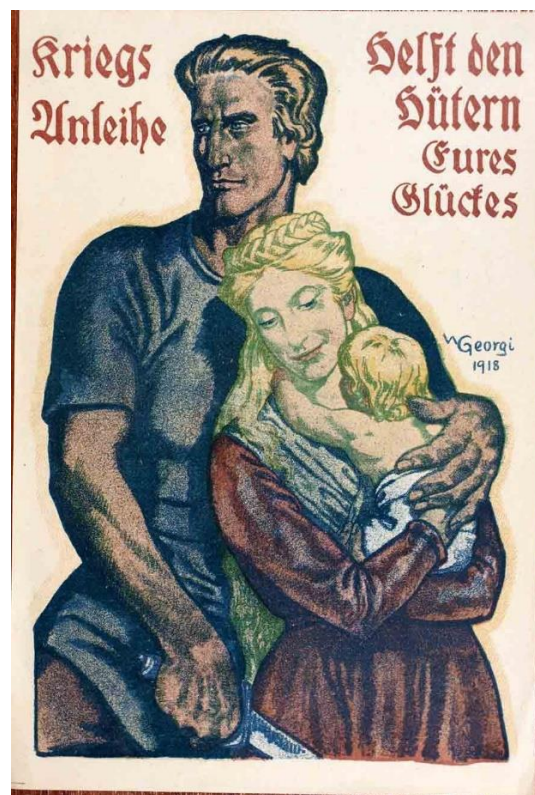
¹⁴⁸ *Ibid.*, p. 50

¹⁴⁹ BOURKE, Joanna. *An Intimate History of Killing: face to face killing in 20th Century Warfare*. New York: Basic Books, 1999. p. 46.

¹⁵⁰ *Op. Cit.* JÜNGER, Ernst. 2004. p. 58.

finais do conflito. Na imagem 2, o homem alto, forte e louro, com proporções ditas harmoniosas, guarda a mulher e a criança em seus braços, enquanto olha ufanamente para o horizonte, empunhando uma espada em defesa dos desamparados. Também é interessante notar os traços da medievalidade na vestimenta dos personagens, remetendo ao passado idealizado da nação. Na mensagem a direita lê-se “Ajude-os a guardar sua felicidade”.

Imagem 2: Propaganda de guerra de 1918



Fonte: Museum Weißenfels - Schloss Neu-Augustusburg

Como Bourke afirma, o mito do guerreiro raramente era vivido pelos soldados da Primeira Guerra Mundial. Os homens não estavam preparados para os horrores da guerra moderna: “A habilidade dos combatentes de se imaginarem engajados em combates de honra não muito diferentes dos experienciados pelos cavaleiros do passado era crucial para seu senso de orgulho e prazer”¹⁵¹. Ao mobilizarem determinados mitos e visões cavaleirescas, os combatentes podiam, segundo Bourke, invocar sentimentos de respeito e compaixão pelo inimigo sem deixarem de se comprometer com a guerra. Embora a frustração em relação ao

¹⁵¹ *Op. Cit.* BOURKE, Joanna. 1999. p. 55.

combate moderno não fosse tão incomum, a imagem do cavaleiro permanecia como um referencial, “o cavalheirismo era evocado para sufocar o medo da violência sem sentido, a intimidade era substituída pelo anonimato confuso; a habilidade era imposta para afastar a monotonia entorpecente”¹⁵².

Além da figura romântica cavalheiresca representada de forma distorcida, outros elementos aparecem submetidos à mesma lógica, como a natureza. Extremamente associada ao nacionalismo no século XIX, como explanado por Anne-Marie Thiessen¹⁵³, em Jünger ela passa a assumir uma condição parcialmente distinta. Isso não significa dizer que seu uso tradicional não seja evidente, como no trecho

*At the sight of the Neckar slopes wreathed with flowering cherry trees, I had a Strong sense of having come home. What a beautiful country it was, and eminently worth our blood and our lives. Never before had I felt its charm so clearly. I had good and serious thoughts, and for the first time I sensed that this war was more than just a great adventure*¹⁵⁴.

Segundo Woods, Jünger também mobilizava elementos da natureza com o objetivo de criar uma interpretação positiva de sua destruição, estando presente no próprio título da obra. Para o autor, “as imagens naturais transmitem a ideia de que a guerra e o destino dos soldados nela são inescapáveis. O que é natural é inevitável ... e inevitabilidade fornece uma espécie de sentido”¹⁵⁵. Essa conexão da natureza e a guerra pode ser vista no trecho abaixo:

*Rank weed climb up and through the barbed wire, symptomatic of a new and different type of flora taking root on the fallow fields. Wild flowers, of a sort the generally make only an occasional appearance in grain fields, dominate the scene; here and there even bushes and shrubs have taken hold. The paths too are overgrown, but easily identified by the presence on them of round-leaved plantains. Bird life thrives in such wilderness, partridges for instance, whose curious cries we often hear at night, or larks, whose choir starts up at first light over the trenches*¹⁵⁶.

De acordo com Woods, o apelo de Jünger à tradição de um certo tipo de soldado, acentuado pelo vocabulário guerreiro e somado aos elementos naturais em consonância à guerra moderna, estabelece um enquadramento autoritário onde a morte dos soldados ganha sentido. “A impessoalidade, qualidade eterna do soldado, transforma a desolação da guerra e fornece sentido ao que, em outros espaços, poderia ser visto como sofrimento fútil”¹⁵⁷.

¹⁵² *Ibid.*, 56

¹⁵³ Thiessen, Anne-Marie. *A criação das Identidades Nacionais*. Lisboa: Temas & Debates, 2000. p. 245

¹⁵⁴ *Op. Cit.* JÜNGER, Ernst. 2004, p. 33

¹⁵⁵ *Op. Cit.* WOODS, Roger. 2006, p. 130.

¹⁵⁶ *Op. Cit.* JÜNGER, Ernst. 2004, p. 41

¹⁵⁷ *Op. Cit.* WOODS, Roger, 2006, p. 134.

A imagem do guerreiro ideal não é deixada de lado por Jünger em *Tempestades de Aço*, precedendo, portanto, todas as outras obras que abordam mais diretamente a questão masculina no pensamento do autor

I saw in a steel helmet, and he straight away struck me as the denizen of a new and far harsher world ... The impassive features under the rim of the steel helmet and the monotonous voice accompanied by the noise of the battle made a ghostly impression on us. A few days had put their stamp on the runner, who was to escort us into the realm of flame, setting him inexpressibly apart from us.

'If a man falls, he's left to lie. No one can help. No one knows if he'll return alive. Every day we're attacked, but they won't get through. Everyone knows this is about life and death.'

Nothing was left in this voice but equanimity, apathy; fire had burned everything else out of it. It's men like that that you need for fighting.

Conclui-se que, assim como a literatura de Jünger se estabelece de forma ambígua entre o moderno e romântico, em suas cenas, temáticas e referências, característica nomeada como “modernismo reacionário”¹⁵⁸, a mesma estrutura se aplica à masculinidade. O soldado ideal deveria ter um espírito aventureiro, ser cavalheiro, integrado à natureza, honrado e, ao mesmo tempo, deveria submeter sua individualidade ao coletivo moderno. A camaradagem surgida nas trincheiras estabelece-se como ideal moral que deveria ser aplicado à sociedade. Diferente de outras representações da masculinidade no período do pós-guerra, Jünger não se mostrava tão preocupado com a questão da beleza corporal como uma espécie de redenção da dor. A redenção da sociedade alemã viria de sua integração máxima, passando a funcionar como uma espécie de mentalidade coletiva, afastada das questões individuais e baseada nos ideais masculinos.

A masculinidade exposta em *Tempestades de Aço* e desenvolvida de forma mais profunda em *Der Kampf als inneres Erlebnis* (1922) mostrou-se hegemônica entre os grupos paramilitares do período de Weimar. Ao se estabelecer como o relato ideal da experiência das trincheiras alemãs, a narrativa de Jünger também suprimiu os incontáveis relatos de experiências individuais e, conseqüentemente, outras masculinidades. Sua coadunação com os interesses políticos dos grupos de extrema direita ao longo da história política da República alçaram a masculinidade desenvolvida por Jünger ao poder, elevando seu patamar com a ascensão do Nacional Socialismo.

¹⁵⁸ *Op. Cit.* HERF, Jeffrey. 1984 p. 1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Norbert Elias classificou a obra de Jünger como um contraponto ao trabalho de Remarque, *Nada de novo no front* (1929). Abertamente pacifista, Remarque narrou sua história a partir da visão de um soldado raso, sem nenhum traço romântico, enfatizando as amarguras da vida cotidiana das trincheiras, em uma narrativa tomada pelo arrependimento e melancolia¹⁵⁹. Visto como danoso ao espírito alemão pelas camadas mais altas, sua circulação sofreu alguns entraves, sobretudo a partir de 1933¹⁶⁰. Estes mesmos círculos eram os que apoiavam Jünger, vendo nele a possibilidade de “manter vivo o júbilo na aventura heroica da batalha e também, por conseguinte, manter a população sempre a postos para ela”¹⁶¹.

Neste sentido, *Tempestades de Aço* assumiu desde cedo um papel muito claro de instrumento propagandístico e ideológico, sendo, para Elias, a obra mais representativa da literatura pró-guerra. Nessa literatura, o “barbarismo” se encontrava em um patamar elevado, sendo associado à substância intrínseca do homem, como se a guerra moderna fosse uma “força elemental”¹⁶² da natureza. Para Elias, essas características integravam obra de Jünger numa literatura específica do pós-guerra alemão, voltada ao desejo de aprovação sobre a experiência do conflito.

A visão de Elias nos parece instigante. Em nosso entendimento, sua reflexão parte do princípio teleológico que vislumbrava a ascensão do Nacional Socialismo ao final da história de Weimar. Neste trabalho procuramos analisar o período de lançamento e vida do livro a partir de uma outra lógica, atrelada mais à Grande Guerra do que ao final trágico de Weimar. Ao fazê-lo, enfatizamos Weimar como um período onde a latência era a regra, não a exceção. Evidentemente, os períodos não são desassociados, mas procuramos dar maior atenção às continuidades da guerra, na negação explícita de parte da sociedade alemã sobre seus resultados e como, a partir de Jünger, o retorno ao passado como solução do presente não estava desassociado das benesses do modernismo.

Nesta lógica, torna-se claro que a desmobilização militar ocorrida após o armistício nunca se deu em aspectos culturais, pelo contrário. A experiência da guerra havia sido, ressignificada, e até mesmo sacralizada, a partir do culto aos caídos. Aqui, *Tempestades de*

¹⁵⁹ EKSTEINS, Modris. All Quiet on the Western Front and the fate of a War. *Journal of Contemporary History*. Londres, v.15, 1980. p. 358.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 363.

¹⁶¹ ELIAS, Norbert. *Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 193.

¹⁶² *Op. Cit.* JÜNGER, Ernst. 2004, p. 95

Aço pode ser lida como elemento integralmente formador do Mito da Experiência de Guerra, tendo posição de destaque em seu *canon* literário. Ao transpor a experiência individual ao nível comunal, a célula que possibilitaria o nascimento da nova Alemanha, Jünger reabilitava os caídos; sob eles a Alemanha ressurgiria; em comunidade, sua morte ganhava sentido.

Vista pela questão do gênero, a Grande Guerra, mostrou-se muito mais plural do que a representação da experiência em *Tempestades de Aço*. A dicotomia pressuposta entre o feminino e masculino viu-se profundamente fraturada, alcançando os anos do pós-guerra, fazendo do gênero em Weimar uma questão pública e relacionada às visões de futuro que cada grupo detinha. Todavia, como Joanna Bourke afirma, “*proximity to the killing fields may have led to shifts in the theatre of gender, but the fundamental chasm between masculinity and femininity was dogmatically maintained*”¹⁶³.

No pós-guerra, a preocupação com a restituição das formas antigas de masculinidade era primordial¹⁶⁴. A resposta à realidade da guerra baseada na comunidade dos homens significava, já no começo do pensamento Jüngeriano, a reabilitação do *fronterlebnis* como ferramenta de conciliação da experiência do pós-guerra. Somada às representações românticas, representava o entre lugar do pensamento de Jünger, marcado pela busca de significado aos eventos que rompiam com o mundo oitocentista e pariam o século XX. A derrota no conflito, entendida como um fracasso moral, proporcionou uma entronização da experiência da guerra nos corpos masculinos. Neste sentido, todos os atributos morais atrelados à masculinidade – a coragem, heroísmo *etc* – tornam-se fins em si, sendo a masculinidade o próprio elemento fornecedor de significado à luta dos homens¹⁶⁵.

¹⁶³ BOURKE, Joanna. Gender roles in killing zones In WINTER, Jay. (Org.) *The Cambridge History of the First World War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p 154

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 177.

¹⁶⁵ *Op. Cit.* WOODS, Roger, 2006, p.160.

REFERÊNCIAS

Fontes escritas

. JÜNGER, Ernst. *In Stahlgewittern: Aus dem Tagebuch eines Stoßtruppführers* Berlin: E.S. Mittler, 1922.

_____. *In Stahlgewittern: Aus dem Tagebuch eines Stoßtruppführers* Berlin: E.S. Mittler, 1926.

_____. *Storm of Steel*. Londres: Penguin, 2004.

Fontes imagéticas

Primeira imagem: Fonte: Lebendiges Museum Online. Disponível em <<https://www.dhm.de/lemo/bestand/objekt/pl003487>> Acesso em 27/05/2018

Segunda imagem, fonte: Museum Weißenfels - Schloss Neu-Augustusburg. Disponível em <<https://st.museum-digital.de/index.php?t=objekt&oges=11863&navlang=en>> Acesso em 27/05/2018

Referências bibliográficas

APPOLINAIRE, Guillaume. *Calligrammes, poèmes de la paix et de la guerre (1918)*. Paris: Gallimard, 1965. p. 208.

AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. e BECKER, Anette. (in) RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (Org) *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p.237-256.

_____. *14-18: Understanding the Great War*. New York: Hill and Wang, 2002.

_____. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? In CORBIN, Alain (Org.) *História da Virilidade: 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 239-268.

BAADER, Benjamin M., GILLERMAN, Sharon e LERNER, Paul(Org.) *Jewish Masculinities: German Jews, Gender and History*. Bloomington: Indiana University Press, 2012.

BARROS, José Assumpção. *Teoria da História V: A Escola dos Annales e a Nova História*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARTH, Boris. Stab-in-the-back Myth , in: *1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War*, ed. by Ute Daniel, Peter Gatrell, Oliver Janz, Heather Jones, Jennifer Keene, Alan Kramer, and Bill Nasson, issued by Freie Universität Berlin, agosto de 2014.

_____. *Dolchstoßlegenden und politische Desintegration. Das Trauma der deutschen Niederlage im Ersten Weltkrieg 1914-1933*, Düsseldorf: Droste, 2003.

BESSEL, Richard. *Germany after the First World War*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

BRACHER, Karl Dietrich, *Die Auflösung der Weimarer Republik. Eine Studie zum Problem des Machtverfalls in der Demokratie* Dusseldorf: Ring, 1955.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____ *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURKE, Joanna. *An Intimate History of Killing: face to face killing in 20th Century Warfare*. New York: Basic Books, 1999

_____ BOURKE, Joanna. Gender roles in killing zones In WINTER, Jay. (Org.) *The Cambridge History of the First World War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

CARDEN-COYNE, Anne. *Reconstructing the Body: Classicism, Modernism and the First World War*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CHARTIER, Roger *A História Cultural: entre práticas e representações*. Algés: Difel, 1998.

_____ Text, Symbols, and Frenchness. *The Journal of Modern History*. v.57 n.4 (Dez. 1985) p. 682-695.

_____ O Mundo como Representação. *Estudos Avançados*, v.5, n.11 (1991) p.173-191

COELHO, Victor de O.P., Ernst Jünger e o demônio da técnica: modernidade e reacionarismo. *Topoi* v.18, n.35, p.246-273, 2017

CONNELL, Raewyn W. e MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.21, n.1, janeiro-abril. p. 241-282. 2013

_____ *Gender & Power: society, the person and sexual politics*. Cambridge: Polity Press, 1987.

CORREIA, Silvia. *Entre heróis e mortos: políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

_____ Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial: entre história transnacional e política nacional. *Topoi (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 650-673, Dec. 2014.

CROUTHAMEL, Jason. Male sexuality and psychological trauma: soldiers and sexual disorder in World War I and Weimar Germany. *Journal of the History of Sexuality*, Austin, v.17, n.1, p.60-84. Jan., 2008.

_____ *An Intimate History of the Front: Masculinity, Sexuality, and German Soldiers in the First World War*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.

_____ Cross-dressing for the fatherland: sexual humour, masculinity and German soldiers in the First World War. *First World War Studies*. v.2, n. 2, 2011.p. 195-215.

CURTIUS, Julius., *Sechs Jahre Minister der Deutschen Republik*. Heidelberg: Winter, 1948.

DONSON, Andrew. Models for Young Nationalists and Militarists: German Youth Literature in the First World War. *German Studies Review*, v.27, n.3, Out. 2004. p. 579-598.

DUARTE, António Paulo. “A Visão da “Guerra Total” no Pensamento Militar”. *Nação e Defesa*, n.112, 3.^a Série (2005): 33-50.

DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História*. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

EKSTEINS, Modris. All Quiet on the Western Front and the fate of a War. *Journal of Contemporary History*. Londres, v.15, 1980. p. 345-366

ELIAS, Norbert. *Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FAULENBACH, Bernd. Ideologie des deutschen Weges: Die Deutsche Geschichte in der Historiographie zwischen Kaiserreich und Nationalsozialismus. München: C.H. Beck, 1980.

FELDMAN, Gerald D. *The Great Disorder: Politics, Economics, and Society in the German Inflation, 1914-1924*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.

FRIEDENSBURG, Ferdinand. *Die Weimarer Republik*. West Berlin: Norddt, 1946.

FUNCK, Marcus. Ready for War? Conceptions of Military Manliness in the Prusso-German Officer Corps before the First World War (p. 44-67) in HAGEMANN, Karen e SCHÜLER-SPRINGORUM, Stefanie (Org.) *Home/Front: The Military, War and Gender in Twentieth-Century Germany*. Oxford: Berg, 2002.

FURET, François. Beyond the Annales. *Journal of Modern History*, v.55, n. 3 (set. 1983), p. 389-410.

GAY, Peter. *A Cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GEWARTH, Robert e HORNE, John. The Great War and Paramilitarism in Europe, 1917-23. *Contemporary European History*. v.19, n.03. Ago. 2010. P.267-273.

GRAYZEL, Susan R. e PROCTOR, Tammy M. (Org.) *Gender and the Great War*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

_____ Men and women at home. In WINTER, Jay. (Org.) *The Cambridge History of the First World War, Volume 3 – Civil Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

HAYNES, Samuel. *The Soldier's Tale: Bearing Witness to Modern War*. Nova York: Viking Publishing Group, 2003.

HENIG, Ruth. *The Weimar Republic, 1919-1933*. Londres: Routledge, 1998.

HERF, Jeffrey. *Reactionary modernism: Technology, culture, and politics in Weimar and the Third Reich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HUNT, Lynn (Org.) *The New Cultural History*. Los Angeles: University of California Press, 1989.

HÜPPAUF, Bernd. Experiences of Modern Warfare and the Crisis of Representation. *New German Critique*, n. 59, p.41-76, 1993.

HUYSEN, Andreas. Fortifying the Heart – Totally Ernst Jünger's Armored Texts. *New German Critique*, n. 59, p.2-23, 1993.

_____ *Miniature Metropolis: Literature in an Age of Photography and Film*. Cambridge, Harvard University Press, 2015.

KAES, Anton. *Shell Shock Cinema: Weimar Culture and the Wounds of War*. Princeton: Princeton University Press, 2009.

KOHNS, Oliver. An aesthetic of the unbearable: the cult of masculinity and the sublime in Ernst Jünger's "Der Kampf als inneres Erlebnis". *Image & Narrative*. v. 14, n. 3. P.141-150. 2013.

KOLB, Eberhard. *The Weimar Republic*. New York: Routledge, 2005.

LERNER, Paul. *Psychiatry and casualties of war in Germany, 1914-1918*. *Journal of Contemporary History*, London, v.35, n. 1, p.13-28. Jan., 2000.

_____ *Hysterical Men: War, Psychiatry, and the Politics of Trauma in Germany, 1890-1930*. Ithaca: Cornell University Press, 2003.

MARTIN, P. Y. "Why can't a Man be more like a Woman? Reflections on Connell's Masculinities." *Gender & Society*, v. 12, n. 4, p. 472-474, 1998.

MCCNAY, Lois. Gender, Habitus and the Field: Pierre Bourdieu and the Limits of Reflexivity. *Theory, Culture & Society*, Londres, v.16, p. 95-117. 1999.

MEYER, Jessica. *Men of War: Masculinity and the First World War in Britain*. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2009.

_____ *An Equal Burden: The Men of the Royal Army Medical Corps in the First World War*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

MOMMSEN, Wolfgang J. German artists, writers and intellectuals and the meaning of war, 1914-1918. In HORNE, John. (Org) *State, society and mobilization in Europe during the First World War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MOSSE, George L. *Fallen Soldiers: reshaping the memory of the world wars*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1990.

_____ *The image of man: the creation of modern masculinity*. Nova Iorque: Oxford University, 1996.

_____ *The crisis of german ideology*, Nova Iorque: Schocken Books, 1964.

_____ Two World Wars and the Myth of the War Experience. *Journal of Contemporary History*, Vol. 21, No. 4 (Oct., 1986), p. 491-513.

NAGEL, Joane. *Masculinity and nationalism: gender and sexuality in the making of nations*. *Ethnic and Racial Studies*, London, v. 21, n. 2, p. 242-269.

NOSKE, Gustav., *Erlebtes aus Aufstieg und Niedergang einer Demokratie* Offenbach: Bollwerk, 1947.

PRELLER, Ludwig., *Sozialpolitik in der Weimarer Republik* . Stuttgart: Franz Mittelbach, 1949.

PROST, Antoine. Social e Cultural indissociavelmente (in) RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (Org) *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 123-137.

_____ The impact of war on French and German political cultures. *The Historical Journal*. v.37 n.01, p. 209-217

ROSENBERG, A., *A History of the German Republic*. London: Methuen & Co., 1936.

SCHULZ, Gerd: *S. Toeche-Mittler Verlagsbuchhandlung GmbH, vormals E. S. Mittler & Sohn, Berlin: 200 Jahre eines deutschen Verlags*. Darmstadt: STM Verlag, 1989.

STRUVE, Walter. *Elites against Democracy: Leadership Ideals in Bourgeois Political Thought in Germany, 1890-1933*. Princeton: Princeton University Press, 1973

STEINISCH, Irmgard., *Arbeitszeitverkürzung und sozialer Wandel. Der Kampf um die Achtstundenschicht in der deutschen und amerikanischen Eisen- und Stahlindustrie 1880–1929* Berlin: De Gruyter, 1986.

THER, Vanessa. Propaganda at Home (Germany) , in DANIEL, Ute. *et al. 1914-1918-online. International Encyclopaedia of the First World War*. Berlin: Frei Universität, 2014.

THIESSEN, Anne-Marie. *A criação das Identidades Nacionais*. Lisboa: Temas & Debates, 2000.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

TRIMBERGER, Ellen Kay, “E. P. Thompson : Understanding the Process of History” (In) *Vision and Method in Historical Sociology*, Ed. Theda Skocpol, (Cambridge, 1984. P. 219.

VERHEY, Jeffrey. War and Revolution In: RETALLACK, James (Org) *Imperial Germany, 1871-1918*. New York: Oxford University Press, 2008. p. 243-263.

_____. *The Spirit of 1914: Myth and Mobilization in Germany*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WELCH, David. *Germany, Propaganda and Total War, 1914-1918: The Sins of Omission*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2000.

WETHERELL, M.; EDLEY, N. “Negotiating Hegemonic Masculinity: Imaginary Positions and Psycho-discursive Practices. *Feminism and Psychology*, v. 9, n. 3, p. 335-356, 1999.

WINTER, Jay. Historiography 1918-today, in DANIEL, Ute. *et al. 1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War*. Berlin: Frei Universität, 2014.

_____. Propaganda and the Mobilization of Consent. In STRACHAN, Hew. *The Oxford Illustrated History of the First World War*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 216-225.

_____. e PROST, Antoine. *The Great War in History: Debates and Controversies, 1914 to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. *Sites of Memory, sites of Mourning: The Great War in European cultural history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995

_____. Propaganda and the Mobilization of Consent. In STRACHAN, Hew. *The Oxford Illustrated History of the First World War*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 216-217

_____. Foreword in ULRICH, Bernd. e ZIEMANN, Benjamin. *German Soldiers in the Great War: Letters and Eyewitness Accounts*. Barnsley: Pen & Sword Military, 2010.

WITKOP, Philipp. *German Students' War Letters*. Pine Street Books: Philadelphia, 2002.

WOODS, Roger. Ernst Jünger, the New Nationalists and the Memory of the First World War. In LEYDECKER, Karl. *German Novelists of the Weimar Republic: Intersections of Literature and Politics*. Rochester. Camden House, 2006

WHITEHEAD, S. M. *Men and Masculinities: Key Themes and New Directions*. Cambridge: Polity, 2002.